

# FLORES DA INFANCIA

CONTOS E POESIAS MORAES  
DEDICADOS Á MOCIDADE PORTUGUEZA

MARIA RITA CHIAPPE CADET

A VENDA

Em venda de Moçambique Maria Françoisa Lallemand

FORNECEDORA DA CASA DE BRAGANÇA

14, rua do Carmo, Velho, 22

LISBOA

L.  
732

# LIBRAIRIE DE MME MARIE FRANÇOIS LALLEMANT

Publications religieuses, classiques et d'éducation, ouvrages de législation, histoire, biographie, voyages, romans, théâtre, poésies, archéologie, industrie, sciences médicales, art militaire et marine, mathématiques, construction et agriculture, etc. etc.

On trouve aussi une belle collection, d'ouvrages illustrés reliés avec ornements, des livres pour enfants et gravures coloriées, pouvant être donnés, soit comme cadeaux dans les familles, soit comme prix dans les collèges. Imagerie-chromo. Albums.

## ABONNEMENTS AUX JOURNAUX POLITIQUES, LITTÉRAIRES ET DE MODES

CORRESPONDANT: de la Société des Journaux de Modes Réunis.

Le Journal de l'Agriculture, Le Monde de la Science et de l'Industrie, De L'Illustration, (Journal Universel) La Nature,

Les Modes Parisiennes, La Mode Universelle, La Mode Illustrée, Industry, and *illustrated weekly journal of science applied to manufacture and art*,

Le Moniteur de la Photographie, La Chasse Illustrée,

Le Moniteur des Consuls, L'Europe Diplomatique. Bulletin du Canal Interocéanique, Le Printemps, Le Salon de la Mode, La Mode Française.

Livres classiques pour l'étude des langues — Portugaise, Française, Anglaise, Allemande, Italienne et Espagnole.

LISBONNE — 22, Rua do Thesouro Velho, 22 — LISBONNE.





~~J 2-13~~

L

~~E. 2, 732~~



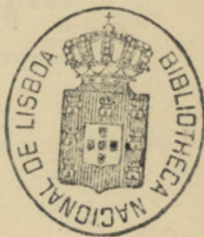
G.

# FLORES DA INFANCIA

CONTOS E POESIAS MORAES  
DEDICADOS Á MOCIDADE PORTUGUEZA

por

MARIA RITA CHIAPPE CADET



À VENDA:

LIVRARIA DE MADAME MARIE FRANÇOIS LALLEMANT

FORNECEDORA DA CASA DE BRAGANÇA

22, Rua do Thesouro Velho, 22

LISBOA

PRIMEIRA EDIÇÃO



Flores da Infancia



IMPRESSO  
POR  
Lallemant Frères  
LISBOA, 1880.





FLORES DA INFANCIA





# A FRANÇOIS ADOLPHE LALLEMANT

LISBOA, 20 DE JULHO DE 1879

MEU QUERIDO FRANÇOIS

Completas hoje os teus sete annos. Terminou ha tres a tua infancia. A puericia corre adiantada. Já não está longe a juventude, porque o tempo vôa. Brevemente serás um homemsinho.

Procurando uma prenda para te offerecer, achei um livro, que has de estimar porque contém alguns d'aquelles contos que ha quatro annos fazem o enlevo das tuas manhãs. Contos, historias e poesias, que ao despertar costumas pedir-me com meigas caricias.

Disseste-me tantas vezes:

— É tão bonita! Que pena ter-se acabado!... Que, para que se não percam da tua memoria essas narrativas singelas e fugitivas como os teus primeiros annos, quiz escrevel-as, esperando que tambem possam servir de entretenimento e de instrucção a outros meninos como te serviram a ti, fazendo-te estimavel e sympathico.

Aceita pois, meu querido discipulo, esta nova prova do verdadeiro affecto que te consagra a tua muito dedicada amiga

MARIA RITA CHIAPPE CADET.





## AOS MEUS JOVENS LEITORES

A carta precedente, assim como o retrato que adorna este livro, provam não ter elle sido escripto com ambições de gloria ou idéas de interesse.

As historias de que se compõe safram espontaneamente, sem estudo nem premeditação e as mais das vezes motivadas por um defeito que procurava corrigir por meio do exemplo, ou por um bom sentimento que desejava implantar n'uma alma juvenil, confiada aos meus cuidados pelo amor materno, e não em poucas occasiões era a propria eriança que me inspirava os assumptos dizendo-me:

— «Eu quizera uma historia, ou uns versos, onde houvesse uma menina, uma velhinha, uma pomba, etc.»  
Dava-me, para assim dizer, a tela que eu bordava com as



· singelas flores da minha phantasia, urdindo um contosinho em prosa ou verso, para com a moral do exemplo captivar o espirito do innocente, que tudo escutava enlevado e absorto, esquecendo até as maldades e travessuras proprias da sua idade juvenil.

Devo a estas breves e simples narrativas muitas horas de paz e de alegria, muitos momentos de suave descanso das atribulações e fadigas da existencia. Aqui as reuno pois, afim de que se conservem na lembrança d'aquelle para quem foram improvisadas, por isso que todas encerram um bom conselho á infancia portugueza, a quem igualmente as dedico e consagro.



Flores da Infancia





IZABEL

ou a Cruz de Ouro

I

N'um lugar, pouco distante do povoado e perto das margens do oceano, embrenhada entre enormes rochedos, negrejava ao longe como se fôra um ninho de aguia adherente á penedia da serra, uma isolada choupana apenas habitada por um pobre pescador e sua filha. Era triste o aspecto d'aquella habitação. Uma só porta lhe dava claridade e ar; o tecto de côlmo parecia resistir a custo aos desabrimentos da ventania e sobretudo a escabrosidade das paredes dava-lhe mais a apparencia de umas ruínas que de uma casa habitada por creaturas humanas.

O interior não era muito melhor. Os moveis eram poucos e velhos. A um canto estava um leito antigo,

## FLORES DA INFANCIA

— 2 —

que João, o pescador, herdára de sua mãe; uma tosca meza de pinho e dois bancos da mesma madeira completavam a mobília. Sobre a meza havia uma prateleira com alguma louça ordinaria e aqui e alli alguns utensilios de cosinha.

No canto opposto, uma cortina de retalhos formava como um repartimento que servia de quarto á filha do pescador.

Uma barra de ferro, uma enxergasinha encostada a uma grande arca pintada de vermelho, era a caminha da pobre criança.

Junto da porta uma chaminé, toscamente construida de pedra e barro, completava emfim a habitação do pescador e de Izabel sua filha.

João era viuvo havia cinco annos, no momento de contarmos a nossa historia. Anna, a boa companheira da sua vida, partira d'este mundo bem cedo, deixando-lhe uma filhinha de oito annos, resto de cinco filhos que Deus lhe havia dado. A pobre mãe presentindo o momento da partida, estreitava entre as suas a mão callosa do marido, que soluçava ao pé do leito, e recommendára-lhe a pequenina, pedindo-lhe que procurasse educal-a nos sentimentos de virtude e de religião que tinham sido sempre o enidado dos seus pensamentos. — En von para o



pé dos outros que me estão chamando; até mais vêr:—dizia a moribunda, e adormeceu como se fôra uma santa para acordar aos pés de Deus, onde os filhinhos esperavam por ella!

João chorou amargamente a morte da mulher. Por muitos dias não fazia outra cousa senão abraçar a pequena Izabel, que revelava já uma intelligencia superior á sua idade, empregando todo o possivel esforço para o distrair com as suas graças infantis e mostrando que os instinctos do coração lhe diziam ser ella a unica companhia do pobre pescador.

Izabel, apesar dos seus oito annos, era forte e crescida, como que se a idade lhe andasse mais adiantada. Criada ao ar livre, os ardores do sol e o proprio sopro das tempestades tinham-lhe augmentado o vigor e apressado o desenvolvimento. Costumiada a vêr sua mãe fazer o pequeno arranjo domestico a que já muito a ajudava, procurou imital-a em tudo, para que o pae não sentisse a falta d'ella, fazendo todas as diligencias para que nada apparecesse mudado no seu modo de vida habitual.

Ao romper da manhã, apenas o pae acordava, começava ella a andar de roda d'elle papagueando alegre e ligeira, preparando o almoço, e salvo a



grande difficuldade que teve em aprender a accender o lume, tudo o mais ia ás mil maravilhas; e podemos crêr que ninguem como ella sabia fazer uma açorda, guisar umas batatas, ou outros legumes, de que se compunham as suas parcas refeições.

O pobre homem foi-se pouco a pouco habituando à sua pequena dona de casa. Já muitas vezes ao serão, elle concertando as redes e ella remendando à luz da candêa o fato do trabalho, cantavam em côro as rusticas canções da aldêa e sentiam-se felizes n'aquelle viver singelo e ignorado no isolamento da moutanha.

Quando Izabel fez nove annos, seu pae trouxe-lhe uma canastra toda branca e disse-lhe: — Já és uma mulhersinha. A filha de um pescador não tem outro modo de vida senão vender o peixe que vem á rede. Vae hoje fazer a tua estreia, levas dois linguados e uma fataça, com mais aquella meia duzia de pescadinhas, que ainda estão a saltar. Vae ao povoado; a venda de hoje é para ti, de amanhã em diante dou-te um vintem de cada tostão para te vestires. Vae e que Deus te guie e te proteja. Entretanto, deixa-me advertir-te: não me converses com pessoa alguma no caminho — bons dias, boas tardes, boas noites e nada mais.

Izabel assim fazia. Era uma rapariga boa e obediente. Todas as manhãs depois de arranjar a sua casinha, que andava sempre limpa e arrumada como no tempo da boa mãe; tomava a canastra á cabeça e saía alegre, cantando pela estrada e só apregoava quando chegava ás primeiras casas da povoação onde era acolhida pelas boas mulheres da terra, que vinham logo á porta apenas a ouviam. Todas lhe perguntavam o que levava, todas á porfia queriam comprar-lhe, preferindo-a ás mais vendedeiras pelo seu modo affavel e pela modesta expressão dos seus grandes olhos pretos, que baixava envergonhada quando lhe fallavam.

Sem ser uma belleza, Izabel a todos agradava; branca e rosada, como era, mostrava uma saude vigorosa. Aquelle rostosinho reluzia debaixo das largas abas de um chapen varino com verdadeira graça infantil. O cabello preto e lustroso, os dentes alvissimos e os labios vermelhos e risonhos, davam-lhe a apparencia de um botõesinho de rosa entreaberto, deixando vêr no seu calice as perolas scintillantes do orvalho da manhã.

O trajo curto de estamenha azul debruado de encarnado, e, sobretudo, um certo não sei quê, que Deus concede ás almas privilegiadas, tornavam-na encantadora.



Havia tres annos que a gentil rapariguinha ajudava o pae, e ambos iam vivendo modestamente do seu trabalho.

Como desde o dia em que fizera nove annos elle raras vezes deixára de lhe dar o promettido vintem da sua vendagem, Izabel tinha juntado pouco a pouco algum dinheirinho.

Muito poupada e arranjada no seu fato, fôra primeiro gastando o pouco que lhe restára da mãe.

N'um pequeno mealheiro guardava o que lhe havia dado a madrinha, mulher de um companheiro de pesca do pae, juntando-lhe os seus ganhosinhos. E não era isso tão pouco, porque no dia em que completava os doze annos já tinha com que comprar um collar de contas de onro e uma cruz, que eram todo o enlevo das suas ambições.

Izabel já tinha umas bonitas argolas de filigrana que herdára de sua mãe. A pobre Anna, poucas horas antes de morrer pozera-lh'as por sua mão, temendo talvez que alguma ruim vontade a pudesse privar d'aquelle pequeno legado materno.

Havia tres annos pois que juntava os fructos das suas economias. Tão contado andava logo de manhã aquelle dinheirinho, que passando já de vinte mil réis, julgou ter quanto bastava para realizar o seu



sonho dourado, que era a compra das contas e da cruz.

Receiava porém ser enganada, e assim, foi ter com a madrinha, para com ella ajustar o dia da compra.

Izabel pulava de contentamento e de alegria, prevendo a gostosa surpresa que havia de causar ao seu bom pae, quando elle a visse possuidora de um tal thesonro.

Que alegres idéas redemoinhavam n'aquella cabecinha por vêr tão cedo cumpridas as suas esperanças!

O que mais lhe accendia o desejo era a lembrança da inveja que iria causar ás suas companheiras varinas quando, no proximo domingo, a vissem na missa com todas aquellas joias. A madrinha communicára ella o melhor do seu pensamento, dizendo:

— Ora verá se não hei de parecer outra. Quero vêr se meu pae me conhece, vendo-me de camisa fina de linho, que só minha mãe vestiu no dia do seu casamento, com a saia azul e a capa de guardanhões de veludo estampado, que ella tambem me deixou, com argolas, contas e cruz de ouro! Não me conhece, não pôde conhecer-me. E ha de ser na missa que tudo se ha de estreiar, para receber a

benção de Deus e da pobre mãe, que lá mesmo do cén tambem me está abençoando, porque sabe que tenho feito tudo quanto me é possível para ajudar o meu querido pae, conservando o que em casa nos deixou.

Com estes assertos da sua phantasia e embebida no desejo de levar á realidade o pensamento que a dominava, eil-a de abalada para a cidade em companhia da madrinha, procurando o thesouro que havia de adornar-lhe o peito onde só existiam sentimentos de bondade e os brilhos da innocencia.

## II

Izabel tinha visto quantas contas e cruces havia nos mostradores dos ourives e ficara como fascinada, sem saber o que havia de preferir. N'este estado de hesitação deixou a compra para o dia seguinte. Logo de manhã cedo estava de novo á porta da madrinha; mas Thereza tinha ido passar uns dias com o sogro, duas leguas distante d'alli, e só voltava no fim da semana. Forçoso foi pois adiar para outro domingo a estreia dos sonhados ornatos.

Causou-lhe viva impressão este pequeno contratempo; mas lá se resignou como poudé, voltando menos alegre do que saíra.



Chegando perto de casa, no logar onde terminava a estrada e desembocava um estreito caminho, viu que um homem estava assentado com uma criança sobre um monte de terra.

Aproximando-se cada vez mais, notou que a criança chorava e o homem dava signaes de estar extremamente fatigado e abatido, parecendo ao mesmo tempo dominado de uma grande tristeza, que, mais do que o canção, lhe alterava o semblante.

Izabel trazia debaixo do braço um grande pão, que comprára, como de costume, para a ceia d'aquella noite e o almoço do dia seguinte.

Quando passou defronte dos desconhecidos, a criancinha, que teria uns quatro ou cinco annos, apenas viu o pão, correu para ella a pedir-lhe um bocadinho e a chorar com fome.

Izabel, que como já dissemos, era muito boa, ficou sem saber o que fizesse. O pão não estava ainda encetado, nem ella ousava partil-o para si, embora tivesse já bastante vontade, pois costumada a respeitar seu pae, só comia o que elle lhe dava. A caridade porém venceu a sua timidez; partiu um bom pedaço e deu-o ao menino, que o recebeu com sofreguidão, agarrando-lhe ao mesmo tempo na saia



como se temesse deixal-a seguir o seu caminho e dizendo-lhe que o pae tambem tinha fome. Izabel não ponde resistir; a criancinha puxava por ella e n'um instante se achou ao pé do desconhecido, que então ergueu a cabeça.

Vendo elle o filhinho a comer avidamente uma dura codea de pão de centeio, um subito assomo de alegria lhe reanimou o rosto e o obrigou a dizer — Deus lhe pague menina! Mal sabe o bem que fez! O seu pão caiu do céu nas mãos de um innocente que tinha fome! Talvez agora o meu pobre filho tenha forças para chegar á villa. Fui assaltado na estrada esta madrugada quando vinha para aqui. Sairam-me quatro homens ao encontro e temendo que me offendessem esta criança dei-xei-me roubar. Levaram-me o cavallo e o dinheiro, e foram-se em paz.

Não pude defender-me nem gritar por soccorro porque a minha voz ficaria abafada entre os desvios da charneca que atravesssei! Vim a pé, com o meu filho nos braços; de vez em quando punha-o no chão; mas atrazavamos muito, e o que teria andado a cavallo em duas horas, andei a pé um dia quasi todo.

O peor foi levarem-me tambem o sacco das provisões que trazia para a jornada. Nem mesmo

algum dinheiro solto que tinha no bolso pude salvar, porque, quando me arrancaram o relógio e a cadêa, lá me ficou perdido entre a terra e as pedras do caminho. Achei-me pois exausto de recursos, sem ter que dar a esta pobre criança que a fome e sêde a que não está costumada, obrigaram a vir continuamente chorando.

Não encontrei ninguém por estes caminhos de quem pudesse receber auxilio. Chegámos ha poucos instantes e eu mesmo estou morrendo de canção e de fraqueza; o que mais me afflige porém é este pobre menino e não saber como poder dar-lhe algum descanso.

Izabel pensou um momento. D'alli á villa haveria ainda uma hora de caminho para entes tão fracos como elles estavam, e d'ahi a pouco seria noite. Confiava emfim no bom coração de seu pae, e não hesitou por mais tempo.

— Meu senhor, disse timidamente, eu sou filha de um pobre pescador; a nossa cabana não é longe d'aqui; o que lhe poderemos dar não será grande cousa, mas ao menos dormirá na minha cama e para o senhor alguma cousa se arranjará. Men pae é pobre, mas muito bom.

Deus a abençõe menina. Que grande consolação



foi achar n'este caminho uma alma tão compas-siva!

Vamos, Henrique, vem; e pegando na mão do menino dispoz-se a seguir a nossa boa Izabel que os precedia ligeiramente.

Depois de alguns passos, o menino já fatigado começou a chorar; o pae tentou levar-o ao collo, porém falto de forças como estava, teve de parar a pouca distancia para descansar: então a varina foi esconder a canastra atraz de umas pedras dizendo: — deixa-te estar ahi que amanhã virei buscar-te; se te furtarem, Deus me dará outra: e tomou resolutamente o menino nos braços. O innocente com aquelle admiravel instincto das crianças que facilmente os leva para as pessoas que os amimam e afagam, deitou-lhe logo a cabecinha no hombro e em breves momentos adormeceu.

João, o pescador, que estava à porta, já inquieto pela demora de Izabel, não ficou pouco admirado, vendo que a filha em vez da canastra trazia uma criança, acompanhada por um desconhecido. Como porém elle era tão bom como sua filha, advinhou-lhe logo o coração que havia em tudo isto um caso extraordinario e saiu-lhes ao encontro.

Izabel em poucas palavras deu conta a seu pae



do que se passára, e antes de uma hora um bom fogo ardia na lareira. A sopa que fervia n'um tacho sobre a trempe deitava um cheiro appetitoso, e a criancinha, que acordou para beber uma boa taça de leite, dormia pouco depois tranquillamente na pobre mas aceiada caminha de Izabel.

### III

Durante a ceia o desconhecido contou que era morgado de um antigo solar, distante d'alli algumas leguas; que vinha a Lisboa com sentido de embarcar para Inglaterra, onde uma herança da parte de sua mulher já fallecida, reclamava a presença d'elle e de seu filho.

Reduzido a tristes circumstancias por acontecimentos politicos, contou que vivia retirado na velha e arruinada habitação que herdára de seus antepassados e que, quando o futuro de seu filho já começava a causar-lhe bastante inquietação, recebera uma carta, que o chamava á posse de uma grande fortuna deixada a Henrique pelo padrinho de sua mãe. Referiu então que para emprender tão custosa jornada, reunira algumas pratas que ainda tinha, um annel de valor e o pouco dinheiro de uma pequena renda que recebera, afim de poder

aproveitar o paquete d'Inglaterra. Mas que tendo sido completamente roubado na estrada, não tinha meio algum de chegar a Lisboa, onde contava com um antigo amigo para lhe adiantar o dinheiro da viagem.

— Ah! exclamava elle, o paquete sae depois de amanhã e eu acho-me sem meios de poder chegar ao comboio e seguir para Lisboa.

O pescador ouvia contristado esta narrativa, e tanto mais, porque os seus parcos haveres apenas chegavam para o sustento diario; não tinha economias reservadas de que podesse dispôr, nem conhecia ninguem a quem se dirigisse.

Izabel arranjava em silencio a meza para a ceia, ouvia com pesar as queixas do desconhecido e notava ao mesmo tempo o desgosto que o pae estava sentindo de não poder valer ao sen hospede. Occorreu-lhe porém uma lembrança e disse em voz baixa ao pae :

— Se fosse a casa do senhor prior... O meu padrinho é tão bom para todos !

— Deus te ouvisse filha; mas elle é quasi tão pobre como nós, porque tudo quanto póde grangear é para os que teem precisão das suas esmolas: entretanto vamos lá, se o senhor quer.

— De boa vontade o acompanho, respondem o



hospede. O que não farei eu para me livrar d'esta triste posição em que me encontro ?

Sairam e foram a casa do prior que morava á entrada da povoação.

Durante o caminho o morgado foi conversando com o bom do pescador e teve occasião de conhecer os seus sentimentos de honradez e caridade e a grande predilecção que tinha pela sua Izabel, de quem lhe ia encarecendo os muitos rasgos de bondade e de amor filial.

Quando bateram á porta da modesta habitação do prior, veio este recebê-los com o seu breviário na mão, e com um semblante sereno e affável lhes perguntou o que queriam.

João, encheu-se de coragem e contou, conforme poudes o que pretendia ; porém o pobre cura da aldêa não chegava a ter cinco tostões em casa.

Na vespera tinha levado soccorros a uns enfermos que estavam ao desamparo, todos os seus haveres estavam pois nas mãos d'aquelles de quem elle era na terra o enviado da Providencia. Nada podia portanto fazer.

João e o morgado voltaram á cabana. Izabel, que os esperava anciosa, leu-lhes na physionomia o desalento e o canção. Bastante desanimados assen-



taram-se á meza ; a criança dormia tranquillamente, e com o socego tinham-se-lhe avivado as côres das faces. Parecia um cherubim.

O morgado olhava attento para o filhinho sem poder conter as lagrimas.

Então Izabel, como inspirada por uma idéa sublime, levanton-se do banquinho, abriu a arca que tinha ao pé da cama, onde guardava o seu modesto fato domingueiro, tirou de uma caixinha de madeira um mealheiro de barro e dando-lhe uma ligeira pancada contra a arca veio despejal-o sobre a meza onde se espalharam á luz da candêa, que ardia pendurada na prateleira, muitos tostões, algumas meias libras e dinheiro em cobre.

— Não chore senhor morgado, diz a boa menina, olhe eu sou franca ; custou-me um tanto a idéa de separar-me d'este dinheiro que ha quatro annos estou juntando para comprar umas contas de ouro e uma cruz. Ha de haver abi mais de cinco libras.

Se a minha madrinha estivesse hoje em casa quando a procurei, talvez lh'o não podesse dar, mas assim foi Deus que o permittin. O pae está olhando para mim admirado de me vêr tão rica, não é verdade ? Pois além de cinco tostões que me deu a madrinha dentro do mealheiro e seis vintens do

senhor prior, tudo o mais foi o pae que m'o foi dando aos vintemsinhos que eu ia trocar á tenda por tostões e assim arranjei isso que ali está. O meu padrinho na quaresma passada prégando á missa do dia, dizia: «Ricos, tomae do que tendes e dae aos pobres.» Agora aqui, senhor morgado, a rica sou eu. Esse dinheiro chega-lhe para ir até Lisboa, não é verdade?

O pobre fidalgo, ainda Izabel fallava, e já lhe tinha pegado nas mãosinhas que beijava respeitosamente como se fossem as de uma santa, e na verdade era bem virtuosa aquella boa rapariga, que para seguir os preceitos de Deus e os bons instinctos da sua alma, se despojava do pequeno thesouro que juntava havia tanto tempo, privando-se do sonho dourado da sua existência, justamente quando chegara ao ponto de poder realisá-lo.

João, contemplava absorto a sua Izabel, que lhe parecia n'aquelle momento ser a imagem da esposa que Deus lhe levára, e bemdizia a sua sorte por lhe ter concedido tão precioso favor, dando-lhe aquelle anjo.

Alguns momentos depois, o pae e a filha dormiam socegradamente, assentados nos dois bancos ao lado da meza, com as cabeças encostadas nas mãos, em-



quanto o morgado repousava na humilde cama do pescador e lá do céu o aujo da caridade estendia as brancas azas do seu amor sobre aquelle pobre turgurio onde o preceito divino de — amae-vos uns aos outros — era tão bem cumprido.

Ao romper da manhã o morgado e seu filho reconfortados pelo gasalhado que tinham tido, seguiram para a villa, onde chegaram a tempo de alcançarem o comboio para Lisboa. João foi para a pesca e Izabel ficaria sósinha se não tivera por companheira a santa e doce alegria que a consciencia de uma boa acção derrama sempre n'um coração ingenno e compassivo.

Passaram-se alguns mezes. Na pobre cabana do pescador continuava o mesmo viver singelo e tranquillo. Izabel quasi se esquecera do que havia succedido; começára a juntar os sens vintemsinhos esquivando-se ás indagações da madrinha, que mnitas vezes lhe perguntou a quanto montavam as suas economias.

Um dia pela manhã, depois da saída do pae, estando á porta a dar de comer aos sens pintainhos que andavam com a mãe a esgravatar na terra, viu que o rapazinho da tenda vinha correndo pelo caminho em direcção á cabana.



— Ó menina Izabel, gritou elle de longe, diz o meu pae que vá já á loja, que tem lá uma carta e uma encommenda para si. E voltou outra vez a correr para a villa.

Izabel não atinava com o que poderia ser.

— Uma carta para mim! Quem n'este mundo se lembraria de me escrever? Emfim resolveu-se a ir vêr o que era, recolheu os pintainhos e a gallinha, fechou a cabana, e seguiu para a villa.

Quando chegou á tenda viu o prior assentado ao pé do balcão.

— A sua benção meu padrinho.

Que Deus continue a fazer-te boa e santinha como tens sido até hoje, disse o bondoso padre, correndo-lhe a mão pelo rosto com mostras de carinho e alegria.

— Bons dias, senhor José. Então, já sei que tem uma carta para mim.

— Sim, minha joia e tambem uma caixinha lacrada e segura.

Izabel, cheia de curiosidade, quebrou apressadamente o lacre que fechava o embrulho.

Dentro de um papel havia uma caixinha de pape-

lão e dentro d'ella um lindo estojo de marroquim escarlata que logo abrin.

Que surpresa! Sobre o veludo verde que o forrava scintillavam como faiscas deslumbrantes duas enfiadas de contas de ouro formando collar, d'onde pendia uma formosa cruz esmaltada!

Izabel hesitava. — Isto não é para mim, disse ella, não pôde ser, quem havia de...

— Anda lá, filha, interrompeu o prior, que se deleitava com a commoção e a alegria da sua afilhada, lê a carta e verás.

Abriu então a carta mas, pouco costumada á leitura, porque a sua vida laboriosa não lhe tinha deixado aproveitar as lições do padrinho, não acertava a comprehender. O prior então tomou a carta das mãos d'ella e leu:

«Aquelle a quem uma boa rapariga, cheia de caridade e abnegação, fez o sacrificio do seu pequeno thesouro, ajuntado á força de trabalho e de privações, conservando-lhe a vida de seu filho e assegurando-lhe o porvir pela valiosa herança que por elle está disfructando, offerece aqui esta pequena lembrança á boa Izabel como prova da sua gratidão.

O morgado de \* \* \*



Adens, meu padrinho, adens; deite-me a sua benção, que eu vou depressa mostrar isto ao pae. Que alegrão que vae ter!

— Espera filha, espera. Ten pae não tarda, porque já o mandei chamar. En tambem recebi uma carta, em que vem alguma coisa para elle.

N'este momento chegou o pescador e vinha um tanto inquieto por não saber para que o chamavam, mas serenou-se-lhe o semblante ao encarar a sua Izabel, a quem a alegria tornára radiante de felicidade. O compadre prior leu-lhe a carta que recebêra.

— «Devo, dizia o reconhecido morgado, áquella santa gente a vida do meu filho e o restabelecimento da minha fortuna. O que lhes mando por sua intervenção, senhor prior, não é o pagamento de uma divida; é apenas um tributo de reconhecimento. Com uma parte do dinheiro que lhe remetto, queira comprar, em nome d'elles, a casinha onde me deram tão benefico asilo. O restante empregal-o-ha n'um barco e redes, para o honrado pescador continnar o seu laborioso mister.

Com este pequeno augmento de meios poderão, sem tanto sacrificio, repartir o seu pão com os pobres.»



João e Izabel choravam de alegria e o prior também de quando em quando enxugava a sua lagrima.

Aquelle homem generoso, dizia o padre, nem dos meus pobresinhos se esqueceu, mandando-me uma boa esmola para elles não sentirem a falta do pão quando o não possam ganhar!

O José da tenda e os visinhos que acudiram a dar fé do que se passava, também tomaram parte muito activa na commoção que o caso tinha suscitado, e o padre, pondo termo a toda esta scena tão digna de lembrança, entre outras palavras bem meditadas com que apontava a joven afilhada como perfeito modelo das suas doutrinas, terminou por dar a significação de tudo quanto tinha acontecido.

— Reparae bem n'este exemplo, dizia elle, tocando com a mão no hombro de Izabel, para que fiqueis sabendo que toda a boa acção ganha sempre a sua recompensa.



## A CAIXINHA

de papelão côr de rosa

Um menino chamado Julio, e que não era dos mais obedientes, entrando um dia no quarto de vestir de sua mamã, viu sobre o toucador d'ella uma caixa de papelão, forrada de papel de lustro côr de rosa, tendo uma bonita chromo-lithographia na tampa, e atada com uma fita em cruz, formando um laço em cima.

— Oh! mamã, diz Julio, cheio d'essa curiosidade propria da sua idade infantil, quem me dêra saber o que está n'aquella caixinha!

—Essa caixa, que tanto te desperta o desejo de saber o que contém, está ahi de proposito para ti; depende só do que tu fizeres o recebê-la mais depressa.



Oh ! mamã, en faço tudo, diz Julio, correndo para junto do toneador e estendendo a mão para a caixinha feitiçeira.

Devagarinho, men amor, devagarinho ; ainda tu não sabes o que ella tem dentro ! ?

— Ha de ser por força, uma consa bonita.

— Pois sim ; mas para te excitar o desejo de merecel-a, saberás que tem muitos soldadinhos de chumbo, a pé e a cavallo, — e meia duzia de peças de artilheria com um castellino muito engraçado, que te ha de agradar bastante, mas é preciso, para obteres esta recompensa, que até á hora de te ires deitar estejas quietinho e sejas obediente : se assim fôres, amanhã pela manhã, ao acordar, has de achal-a em cima da banquinha da cabeceira.

— Amanhã pela manhã ! Oh ! que alegria ! diz Julio, batendo as palmas e pulando de contente ao redor da mãe. — Vou-me deitar esta noite bem cedo !

— Sim, sim, mas lembra-te, filho, que se não estás com juízo, em vez da caixinha de papelão côr de rosa encontrarás outra consa de que talvez não gostes.

— O que é, mamã ? O que é ? Diga, diga.



## FLORES DA INFANCIA

— 25 —

— Tu verás. Não é bom ser tão curioso. Fazê por merecer a caixinha, que é o melhor de tudo.

— Julio ficou ainda algum tempo no quarto da mamã, entretendo-se em vêr as estampas de varios livros, e depois, como já o sol ia baixando e havia sombra no jardim, pediu licença para ir brincar.

— Vae, filho, mas toma sentido, não abras a cancella que dá para o campo; bem sabes que está lá o tanque e que eu não quero que vás sósinho para alli.

— Não, mamã, não abro a cancella, não vou para fóra do jardim, estarei muito quieto, e demais a mais, com o sentido na caixinha côr de rosa... É amanhã, pela manhã cedo, logo que acordar? Pois não é mamã?

Um instante depois, Julio foi para o jardim e a mãe desceu á sala onde estavam algumas senhoras que vinham visitá-la.

Havia apenas uma meia hora que estava assentada, quando a creada, encarregada de tratar do menino, veio, toda esbaforida, correndo dizer-lhe: — Minha senhora, o menino Julinho logo que foi para o jardim abriu a cancella que deita para o campo, dirigiu-se para a borda do tanque, pegou n'uma canna com

## FLORES DA INFANCIA

— 26 —

uma linha e um alfinete torcido a fingir anzol, e está a pescar, diz elle, com toda a seriedade: por mais que lhe diga, não quer tirar-se d'alli.

Então o pae, que estava tambem na sala, levantou-se e foi onde estava o teimoso, mas em que estado o encontrou! Assentado em cima do lôdo, com a cara e o fato todo salpicado de agua suja, as meias e os sapatos encharcados, e ainda assim, occupado na sua pesca com um verdadeiro enthusiasmo de amator.

— Julio, Julio, que é isso?! Então a mamã e eu não te temos dito tantas vezes, que não queremos que saias do jardim?

O rapazinho fez-se vermelho como uma romã!

— Papá, respondeu elle, eu não me lembrei... estava perto da porta, ouvi coaxar as rãs, espreitei pela cancella e vi-as saltar da borda para dentro do tanque; tinha n'algibeira um dos novellos da tia Ephigenia, que lhe tirei esta manhã, peguei n'nma canna para pescar... queria apanhar só uma... uma só...

— Julio, disse-lhe o papá severamente, os meninos obedientes nunca costumam esquecer o que se lhes recommenda; se tivesses deveras tido o desejo de agradar a Deus e de obedecer a teus paes, por



certo te lembrarias do que te tínhamos dito. Além d'isto, não ouviste a Josepha chamar-te?

— Ouvi sim, papá, eu ia já voltar para o jardim, mas a linha prendeu-se debaixo d'agua e fiquei para vêr se era algum peixe. . . .

— Sim, tu o que querias era só fazer a tua vontade, disse o pae. Isto assim não vae nada bem.

Depois, de dar-lhe esta reprehensão trouxe-o para casa e, como estava todo molhado, deu ordem á creada para que o mettesse na cama immediatamente.

Julio chorou até adormecer. No dia seguinte, pela manhã, assim que abriu os olhos, o seu primeiro cuidado, ainda que a consciencia lhe gritasse bem alto que nada tinha feito para merecel-a, foi olhar para a banquinha da cabeceira a vêr se estava lá a sonhada caixinha côr de rosa. Mas que cruel desapontamento teve! Um grande copo de remedio, sobre uma salva de prata, era unicamente o que lá estava! E o papá, que lia assentado n'uma poltrona, disse-lhe: — toma e bebe; quem passou toda a noite agitado e tossiu constantemente, por ter estado com os pés na humidade, precisa de tomar esse calmante e ficar na cama até amanhã.

O pobre Julio, bem contra o seu desejo, não teve



outro remedio senão engolir a beberagem e ficar socegado. O papá conchegou-lhe a roupa até ao pescoço e deixou-o, recommendando-lhe de novo que se não mexesse.

A mamã, que fôra lá baixo dar as suas ordens, entrou um momento depois e o papá foi para o seu gabinete.

Assim que se viu sósinho com a mãe, Julio, que retivera as lagrimas diante do pae, deu largas ao seu desgosto. Ella, ameigando-o para o socegar, assentou-se ao pé da cama, fallando-lhe carinhosamente; então o menino deitando-lhe os bracinhos á roda do pescoço e beijando-a muito, com aquellas irresistiveis caricias infantis, raios de sol purissimo que desfazem de repente todas as nuvens que a severidade amontoa na fronte maternal, pediu-lhe que o deixasse levantar. Todavia, forçoso lhe foi resignar-se porque a mamã tinha deliberado, de commum acordo com o papá, que Julio, não só por ter sido desobediente, mas tambem por estar muito constipado, devia passar o dia agasalhadinho.

Entretanto, o amor e o carinho materno dictaram-lhe muitas historias com que o entreteve por algum tempo e depois fez-lhe a promessa de que se bebesse as tisanas sem chorar e se não desman-

## FLORES DA INFANCIA

— 29 —

chiasse a cama com as reviravoltas, teria a caixinha no dia seguinte pela manhã cedo.

Até ao meio dia tudo foi bem. Julio agasalhou-se, dormitou um pouco, bebeu a althéa sem fazer grande careta; mas a mamã, tendo uma carta a escrever, assentou-se diante da sua secretária dizendo ao Julio;

— Agora em quanto eu escrevo calla-te e dorme.

— Mamã, tenho sede!

— Agora não pôde ser, que bebestes a althéa.

— Mamã, o travesseiro está duro.

— Em acabando de escrever t'o arraujo.

— Mamã, tenho a roupa a cair, sinto frio.

Aqui não houve outro remedio senão a pobre senhora largar a penna e vir arranjar a roupa do impaciente, que, por maldade, desentalára tudo.

Bem, agora calla-te e fica quieto.

Julio começou então a cantar e, como a constipação não lhe atacára a garganta, ia augmentando o tom a ponto que a mãe, impaciente, pegou no papel e foi acabar a carta lá para baixo no escriptorio de seu marido, mandando a velha governante de casa para o lado do endiabrado pequeno, que taes trope-lhas e loucuras fez, que a pobre mulher pedia a



## FLORES DA INFANCIA

— 30 —

Deus e aos anjos para que a senhora acabasse de escrever. Foi tal o depoimento da creada quando a mamã voltou, que no dia seguinte, em vez da promettida caixa, o menino viu em cima da banquinha umas varinhas que o papá tinha comprado para castigal-o se continuasse a ser rebelde.

Julio passou assim muitos dias sem lograr nunca vencer o seu natural teimoso e turbulento, e a suspirada caixinha permanecia sempre como uma tentação e um incentivo sobre o toucador da mamã com as suas fitinhas de sêda em cruz e o seu nósinho muito bem atado.

Mas o nosso Julio, se bem que desinquieto e leviano, tinha uma qualidade que fazia esquecer os seus defeitos: era amigo dos pobres. Nunca via chegar á porta um necessitado que não corresse á mamã, supplicando com fervor uma esmola, que ia dar timidamente, sem arrogancia, respondendo com agrado ao que os infelizes, a quem soccorria, encantados da sua gentileza, lhe diziam, e fugindo envergonhado quando queriam beijar-lhe as mãos.

Um dia de tarde tinha ido, como de costume, passeiar com a creada, e a mamã dera-lhe dois tostões para comprar o que quizesse, fructa, bollos, ou



bonitos. Quando á noute voltou para casa, contra o seu habito nas tardes em que saia a passeio, apenas entrou e beijou a mão á mamã pediu-lhe de comer. Ella, julgando capricho infantil um appetite tão extraordinario em quem devia ter merendado bem, não fez caso nenhum : notou porém que á hora do chá Julio não comia, devorava. Dois, ou tres dias seguidos á hora do passeio habitual, já Julio andava ao redor da mãe pedindo os dois tostões. D'antes dizia sempre o que tinha comido, o que tinha comprado, e agora nada. Á ceia sempre o mesmo extraordinario appetite. — Isto despertou a curiosidade, e um dia de manhã, quando Julio fôra repetir as lições ao gabinete do papá, a mãe chamou a creada e interrogou-a.

— Senhora, o menino ha cinco dias que não compra nada fôra ; passa pelas lojas dos bonitos e não se decide por nenhum. Hontem parou diante da vidraça do confeitiro, poz-se a olhar para os bollos por muito tempo, depois suspirou e foi para diante.

— Que faz ao dinheiro, menino Julio ? disse-lhe en. Porque não compra d'esses *cakes*, que são tão bons ? Vae-se tornar avarento ?

— Olha Josepha, redârguin o menino, não digas

nada á mamã, porque o que eu tenciono fazer com o dinheiro é da vontade de Deus e d'ella.

À tarde, á hora do passeio, repetin-se a mesma consa; quando á noute depois da ceia, e acabada a oração com as mãosinhas postas, de joelhos ao pé da mãe, Julio, entre muitas caricias lhe perguntava se gostava d'elle, se estava contente com elle, e quando lhe daria a caixinha, a mamã de repente perguntou-lhe: — Em que gastas o dinheiro que te dou, que não comes nem compras bonitos que se vejam? O pequenito ao principio intimidado balbucion algumas palavras sem nexo, mas depois animou-se e contou que ha oito dias, estando no jardim, ouvira um pobre trabalhador, ajudante do jardineiro, contar a este que um filhinho que tinha, de tenra idade, caíra dos braços de outra irmãinha que o trazia ao collo em quanto a mãe andava na lida da casa, descobrindo-se pouco tempo depois ao despir a creancinha, que se lhe formava uma corcunda nas costas. Consultado o medico, disse este que era preciso um apparelho com que se endireitassem as costas do pequenino, mas que esse apparelho custava seis mil réis. — O pobre homem, mamã, continuou Julio ganhando animo por vêr a attenção com que era escutado, chorava tanto!... Disse-lhe o jardineiro: E vossê que ha



de fazer com quatro vintens por dia ! Elle lamentava-se, dizendo que quanto mais tempo passasse, menos provavel era curar-se a criancinha e ficava aleijada para sempre ! Então eu, mamã, puz-me a pensar que nada me falta, nem almoço, nem jantar, nem ceia. O dinheiro da merenda e dos bonitos, esses duzentos réis que a mamã me dá todas as tardes, no fim de um mez farão os seis mil réis e resolvi privar-me d'elles para poder evitar que o filhinho do pobre Vicente fique corcunda.

A mãe enternecida tomou o menino sobre os joelhos e do intimo da alma agradeceu em breve prece a Deus o ter-lhe dado um filho com tão bons sentimentos ; depois deitou-o na cama e, ainda antes de adormecer, logrou Julio vêr collocar sobre a banquinha da cabeceira a desejada caixinha de papelão côr de rosa.

No dia seguinte, quando pela manhã ia a entrar no escriptorio do papá para lhe dar os bons dias e mostrar-lhe o seu premio, parou como hesitando ao abrir a porta ; junto á secretária do pae estava o Vicente de pé, com as lagrimas nos olhos e revolvendo o barrete entre as mãos.

Toma, Julio, lhe disse o pae, depois de o beijar muito ; eu tambem tenho um premio para te offe-



recer: aqui tens os seis mil réis que desejavas juntar para dares ao sr. Vicente e mais cinco tostões para o que tu quizeres. Julio agarrou no embrulhinho dos seis mil réis e deu-o logo ao pobre homem, que se despediu louco de alegria e de reconhecimento.

Quando Vicente ia no corredor, saiu Julio a correr do escriptorio para lhe fallar, e percebendo o pae os agradecimentos que lhe dirigia aquelle com a voz ainda mais commovida, chamou o menino que voltou muito côradinho a saber o que lhe queria.

Onde foste, meu filho?

— Ora papá... eu pensei que o filhinho do Vicente, tão pequenino como é, ha de chorar muito quando lhe pozerem o tal apparelho e por isso dei-lhe os cinco tostões para lhe comprar bollos e um bonito; eu, por mim, tenho bastante com a minha caixinha de papelão côr de rosa.



## AS AMENDOAS da Madrinha

N'um quinto andar de uma das ruas da baixa, em Lisboa, composto de dois pequenos quartos e uma cosinha, alumiados apenas por duas trapeiras, morava ha annos uma menina chamada Virginia, orphã de pae e mãe desde a mais tenra infancia, e que fôra educada pela avó materna, uma boa velhinha, que, enquanto poudo fazer uso do seu officio de tecedeira e grangear assim a subsistencia para ambas, só cuidou de ensinar á neta a maneira de poder, por meio do trabalho das suas mãos, ganhar mais tarde o pão de cada dia; a velhice porém e a doença foram pouco a pouco impossibilitando a pobre octogenaria e, no momento em que



vamos narrar a nossa historia, Virginia, que já conta quinze annos, é quem sustenta a boa da avósinha com a sua habilidade de costureira e modista de chapéus.

Na quinta feira de Endoenças, levantou-se Virginia pela manhã cedo, como costumava, e vestiu-se com a simplicidade habitual, resguardando o seu modesto vestido sob um grande avental de chita. Em um abrir e fechar de olhos varreu e limpou o pó, tratou do seu canário, innocente distração, que lhe fôra offerecida por sua avó, e que ella nunca deixava de pôr á janella, para que o pequeno prisioneiro vendo o céu atravez as grades da gaiola, soltasse esses gorgeios e trinados que lh'o tornavam tão apreciavel. Depois d'estas primeiras voltas, preparou Virginia o almoço e veio servir-o sobre uma pequena meza diante da boa avó, que impossibilitada de a ajudar, estava assentada n'uma ampla cadeira de palha forrada de almofadas de chita. A pobre velhinha seguia a neta em todos estes movimentos com o olhar carinhoso, abençoando-a no intimo da sua alma, e sentindo-se cheia de prazer e orgulho por lograr a companhia de tão precioso thesouro de amor e ternura filial.

Na realidade, tudo isto era desculpavel á pobre avó, porque Deus, que não olha á condição social



para dispensar as graças physicas e os encantos do character, parecia ter-se empenhado em tornar a joven Virginia tão formosa como boa.

Vivia a interessante menina muito recolhida sempre, indo uma vizinha buscar e trazer a obra ás lojas para que trabalhava. Raras vezes saía de casa, livrando-se assim do escolho onde naufraga a innocencia e onde muitas vezes se afunda a virtude.

Sem ouvir os elogios lisongeiros do mundo, eram para ella a melhor recompensa um sorriso e um beijo da sua avó.

Desejando tornar-se perfectissima nos seus trabalhos applicava-se constantemente e conseguia que todas as suas obras saíssem primorosas; cheia de affabilidade nas maneiras, sempre resignada com os inevitaveis desgostos e as pequenas misérias de que a senda da vida está juncada, a nossa boa menina, achava a felicidade como é possível obtel-a n'este mundo, no stricto cumprimento dos seus deveres.

Os seus ganhos eram poucos na verdade, mas tinha sempre que fazer, porque as pessoas que lhe confiavam trabalho nunca ficavam descontentes.

A quinta feira de Endoenças começou pois tranquilla e alegre n'aquelle abençoado cantinho.

Por amendoas, recebêra Virginia dois carinhosos beijos da avósinha e estas palavras — Deus te abençõe, minha filha — pronunciadas com a voz entrecortada de lagrimas de agradecimento ao Ser Supremo, que lhe permittira essa doce compensação a tantos annos de fadiga e de trabalho, esse pequeno e modesto conforto interior que a boa anciã apreciava tanto.

Virginia tinha acabado os seus affazeres e ia assentar-se a lêr um livro piedoso, em commemoração da solemnidade do dia, quando um ligeiro rumor attrahiu a sua attenção. A porta da escada rangeu e entreabriu-se, deixando vêr uma mãosinha pallida e delgada, cnjos dedos compridos se esforçavam timidamente para abril-a de todo.

Virginia correu á porta, tomou entre as snas a indecisa mãosinha e fez entrar no seu quarto uma menina que vinha toda chorosa. Beijou-a com muito affago e assentou-a n'um banquinho collocado entre ella e a cadeira da avó.

Leonor, assim se chamava a criança, era filha de um pobre guarda barreira, que, havia muitos annos, morava, portas fronteiras, na mesma escada.

Virginia fôra a madrinha do baptismo de Leonor. A mãe d'esta morrera havia dois annos, e desde



## FLORES DA INFANCIA

— 39 —

então vinha a afilhada mais a miúdo fazer-lhe companhia.

Foi-lhe pois muito penoso, sobretudo em tal dia, vêr as longas pestanas da sua querida Leonor aljofradas de lagrimas, que ella a custo tentava reprimir.

— Que tens Leonorsinha, porque choras ?

Mas a pequenita, escondendo a cabeça entre os joelhos da madrinha, ficou callada.

— Bem, a menina não responde ? Perdeu a falla ? N'esse caso vou procurar o pae e perguntar-lhe o que quer dizer isto.

— Não minha madrinha, não, exclamou a pobre criança levantando a cabeça e deixando vêr a carinha toda banhada de lagrimas. — Pelo amor de Deus, não faça isso. Eu saí muito depressa de casa para que o pae me não visse chorar : está tambem tão triste ! . . .

— Vamos, disse Virginia, fingindo um tom severo, mas interiormente commovida. Eu quero saber porque choras, senão não te dou as amendoas, nem te abraço.

Para desfazer esta ameaça tão impossivel de realisar, a encantadora criança, chegou a testa



aos lábios da madrinha, que não teve outro remedio senão dar-lhe um beijo.

— En digo tudo, minha madrinha, tudo, tudo, mas não ralhe commigo! Bem sei que é tolíce chorar por tão pouco, mas por mais que queira, não me posso conter. Sabe que estou na escola regia desde o anno passado?

— Bem o sei, e ainda hontem alguém me disse que a minha Leonor não era preguiçosa, antes pelo contrario.

— Oh! Sim, minha madrinha, estudo muito; sou uma das primeiras no banco mais perto da mestra: já não estou entre as mais pequeninas. É justamente por isso que algumas meninas, mesmo das mais velhas, que teem inveja de mim, me disseram... E tornou a soluçar.

— Disseram o quê, Leonor? Perguntou Virginia, fazendo com outro beijo fugir de novo as lagrimas que já lhe arrasavam os olhos.

— Disseram, madrinha: Bem se vê que esta pequena é pobre e que lhe falta a mãe. Desde que entrou para a mestra que traz o mesmo vestido, tão roto, tão desbotado!

Virginia sorriu tristemente.

## FLORES DA INFANCIA

— 41 —

— É então só isso que te faz chorar com tanta amargura ?

— Perdoe, minha madrinha, eu bem sei que não vale a pena; mas que quer?! N'esse dia quando voltei a casa pedi ao pae que me desse por amendoas um vestido novo para ir ao collegio, a fim de que as meninas não tornassem a dizer-me taes cousas! Elle prometteu que sim, mas esta manhã quando fui beijar-lhe a mão e dar-lhe os bons dias, estava com uma cara muito apouquetada, deu-me um cartuxinho de amendoas e disse-me:

— O teu vestido, filha, don-t'o para o S. João; agora não posso.

Eu respondi-lhe que não tinha duvida, para não o affligir, porque bem via a pena que elle sentia, mas fiquei com o coração tão triste... tão triste que vim chorar para aqui! Porém agora madrinha já não choro... acabou-se.

E Leonor foi beijar a avósinha, limpando ainda os olhos com o seu lencinho branco.

Virginia foi buscar as amendoas guardadas havia mais de um mez na gaveta da commoda. Consistiam ellas em um livro de missa, o primeiro que Leonor ia ter, encadernado em marroquim azul, com um fechinho dourado. A avó deu-lhe uma condecinha



de amendoas e uma pequenina boneca, ficando a pobre criança tão contente, que um instante depois voltou para casa e brinca alegremente todo o dia, sem tornar mais a pensar no sonhado vestido.

A madrinha porém, é que não se esqueceu. Foi á sua commoda, abriu a gaveta e poz-se a considerar. Usava ella alternativamente dois vestidos de lã de côr escura, um, que já se resentia de longos serviços, e outro ainda em bom uso. A caridosa menina pensou que o mais velho estava ainda bom para as suas poncas saídas, e que do outro podia fazer á sua afilhada um vestidinho quasi de luxo para ir á mestra, onde as invejosas companheiras não tornariam a chamar-lhe — menina sem mãe.

O projecto foi submettido á approvação da avó e o excellente coração da boa velhinha não poudo deixar de condescender com os desejos da neta. Virginia poz mãos á obra, coseu, cosen todo o dia! Emquanto, nas ruas da cidade, as senhoras arrastavam as longas candas dos seus vestidos de sêda por sobre a arêa e o rosmaninho, visitando as egrejas, Virginia, no humilde sanctuario da sua pobre casinha, fazia uma acção sublime, que Deus contemplava do alto do seu throno immutavel; e talvez que o perfume d'aquella offerta occulta e modesta lhe não fosse menos agradavel que o incenso queimado



entre os cirios e flores que lhe adornavam os altares.

Ao anoitecer estava o vestido prompto. Virginia chamou a afilhada que brincava a um canto da casa com a sua boneca, não percebendo sequer que a obra em que a boa madrinha se occupava com tanto cuidado, devia fazer a sua alegria e apresental-a decente e quasi luxuosamente vestida nos bancos da escola.

Descrever a alegria da pobre pequenina é mesmo impossivel.

Os beijos e os abraços, dados e recebidos, foram sem conto.

A avósinha chorava de enternecimento. Virginia com as faces rosadas, animada pelo ardor do trabalho e pela commoção que lhe causava a alegria natural de Leonor, andava ao redor da pequenita compondo e ageitando o vestido, que, mesmo sem ter sido provado, ficára como uma luva.

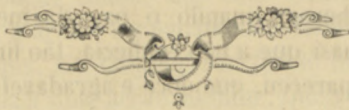
Às oito horas, quando o pae da menina veio buscá-la, quasi que a não conhecia, tão linda e bem vestida lhe pareceu, que doce e agradável surpresa!

Santa caridade, quantos momentos de suave goso e de viva alegria sabes dar aos que cumprem teus preceitos!

Na semana seguinte, quando acabadas as férias Leonor voltou para a mestra, poudo apresentar-se entre as suas orgulhosas companheiras sem que estas ousassem chamar-lhe — menina sem mãe.

Ninguém soube d'este acto de abnegação da joven costureira; mas Deus, que vê as boas e as más acções, recompensou largamente a caridosa menina. Um parente de sua mãe, de quem ella até ignorava a existencia, deixou-lhe por seu fallecimento, uma modesta herança, que lhe permittiu viver commodamente rodeando a boa avósinha de todos os cuidados que a sua ternura lhe suggeria e educar a afilhadinha, para ser um dia uma menina prendada, que fazia o orgulho e a alegria de seu pae.

E tanto este como Leonor jámais esqueceram *as amendoas da madrinha.*



---

LEONARDO

ou a caridade com os animaes

Distante alguns kilometros da pequena villa de Portel, no Alemtejo, e encostada á fralda da serra, existe uma grande herdade, pertencente a uma familia abastada da capital da provincia. O sitio não pôde chamar-se muito pittoresco e aprazivel, mas em compensação, é purissimo o ar que n'elle se respira, e quem, como D. Rodrigo de Macedo, o chefe da casa, fôr amador decidido da caça, encontra n'aquellas paragens grande quantidade de gallinholas, perdizes e coelhos. Eis as razões porque elle e sua familia iam todos os annos passar alli algum tempo.

A casa do *monte*, como geralmente se chama no



Alemtejo às habitações de construcção grosseira situadas no meio das herdades, tinha alguns aposentos confortaveis e soffrivelmente mobilados, que serviam para alojar os seus proprietarios, ou dar hospedagem aos caçadores que alli vinham a convite d'elles. Uns e outros, encontravam n'aquella vivenda, em altos e antigos catres de madeira embutida, macios colchões de bem ripada e fresca palha de milho, com boa roupa de linho, alva de neve e exhalando um cheiro agradável de plantas aromaticas, que a boa Genoveva, a mulher do guarda, espalhava nos enormes gavetões de um antigo armario de sachristia collocado ao canto de um dos quartos, em vez de commoda.

Chamava-se Jacintho o guarda do *monte*.

Criado desde pequeno na familia de D. Rodrigo, casára com uma pobre, mas honrada e virtuosa rapariga do logar visinho, aos vinte annos; e ia para onze que alli viviam felizes, esmerando-se em servir seus amos com escrupulosa fidelidade e zelo. Uma unica ventura ambicionavam aquellas duas boas almas: era que Deus lhes deixasse vêr crescer, robusto e nedio, ao ar vivificante do campo, o seu querido e pequenino Leonardo.

Não tinham tido mais filhos; todo o seu amor

estava portanto concentrado n'este. Leonardo era com effeito um excellente rapazinho e digno de que lhe quizessem bem. Denotando uma certa força de character, predominavam todavia n'elle, como que querendo modificall-a, invejaveis sentimentos de doçura e de humildade. Havia sobretudo um predicado que caracterisava o filhinho de Genoveva: Leonardo era extremamente compassivo e carinhoso para com os animaes, a ponto de não poder vêr matar uma gallinha sem lhe rebentarem logo as lagrimas dos olhos.

Mas estes bellissimos dotes, esta rara sensibilidade, não eram muito do agrado do pae.

Jacinto, apesar de ser um homem de bem ás direitas, tinha-se acostumado desde pequeno ao exercicio da caça e estava afeito a lidar com ovelhas e carneiros; não o sensibilisava pois vêr uma rez abatida, ou uma ave morta, e quizera que o filho fosse tambem da sua tempera. Quando ás vezes, vindo de caçar pelos matos, chegava a casa, era sempre com pesar que elle o via voltar a carinha para o lado opposto áquelle onde depunha as lebres e coelhos tirados da funda bolsa.

A mãe, que, como boa dona de casa, recebia satisfeita este augmento de viveres, trazido pelo



caçador triumphante, em reforço das provisões arrecadadas na cosinha, tratava logo de ir pendurar tudo atraz da porta, para desviar dos olhos do filho um espectáculo que o incommodava; e lá no intimo do sen coração, sentia um jubilo infinito por vêr germinar na alma do pequenino Leonardo esses doces sentimentos de caridade, que mais tarde lhe seriam incentivo para todas as virtudes.

Genoveva nascera na aldêa de Monte Trigo, de familia muito póbre. Ficando sem pae de pequenina, foi recolhida caridosamente por uma irmã do prior que lhe administrára o baptismo, que a admittira á primeira communhão, e que cinco annos depois d'isso abençoára o sen enlace com Jacintho.

Vivendo estimada como pessoa de familia, em casa da boa senhora que a havia recolhido, conseguira Genoveva, durante a sua infancia, aprender a lêr e escrever correctamente. Todas as noites, até completar dezeseis annos, a meiga e intelligente rapariga lia uma hora nos livros santos do sen padrinho, como ella chamava ao velho sacerdote, bebendo alli as sãs dontrinas do evangelho. Não conhecêra nunca outras leituras, mas ficára sabendo o bastante, para ser boa esposa e excellente mãe. Por isso ella concentrava todo o sen amor n'aquelles dois entes queridos, marido e filho, sem ter outras



ambições além da modesta choupana que a Providencia lhe destinára n'este mundo.

Quando nascen Leonardo, e que, depois de restabelecida, Genoveva foi á aldêa pela primeira vez com o pequenino a visitar o seu antigo protector, o qual por entrevado não podêra baptisal-o, poz este a enrugada e tremula mão sobre a cabecinha loura da criança, abençoou-a e disse á mãe: — Cria-o na singeleza do campo, mas ensina-lhe o que sabes; faze-me d'elle um homem.

E Genoveva assim procurava fazer.

Todos os dias á tardinha, depois do trafego domestico, de ter mungido o puro leite das ovelhas e de haver feito os queijos com mão adestrada e experiente, quasi ao pôr do sol, nas brancas queijeiras de madeira de pinho, assentava-se ella á porta do *monte*, com a cartilha no collo, e ensinava o filho, enquanto o *Carocho* e a *Minerva*, postados magistralmente sobre a herva fresca que atapetava a entrada, pareciam tambem querer escutar a lição.

Jacintho ria-se vendo isto, e perguntava muitas vezes:

— Ó Genoveva, qual dos tres lerá primeiro?

Ella respondia-lhe com um sorriso cheio de bon-

dade, beijava o filho com muito amor e prosegua com interesse no desempenho da sua santa e nobre missão.

Outras vezes, estava Jacintho de mau humor, e n'essas occasiões dizia que o pequeno havia de sair mulherengo e effeminado, servindo só, mais tarde, para fazer de fidalgo no *monte*. Segundo o seu modo de pensar de camponez rude, a sensibilidade e os sentimentos affectuosos enfraqueciam o homem. Tudo isso, accrescentava elle, era bom para os ricos e para as mulheres; o trabalhador, o maioral de gado e o pegureiro, não precisavam de saber lêr.

Estes desabafos tinha-os Jacintho de longe em longe, sem por tal motivo deixar de ser um bom chefe de familia e um pae extremosissimo. O pobre guarda não recebêra a luz da educação, e por isso pensava d'aquella fôrma, coitado!

Leonardo tinha já nove annos, crescendo sempre n'elle o amor e a compaixão por todos os entes que soffriam, tornando-se cada vez maior o seu empenho em remediar os padecimentos de todos os animaes de casa.

Um dia a *Minerva*, que era nma cadella de fila, terrivel para os estranhos e docil como um cachor-



rinho para os donos, foi atacada por um lobo; e, apesar da colleira com bicos de ferro, que lhe resguardava o pescoço, ficou muito mal ferida em uma orelha. Leonardo, vendo esta desgraça, correu logo muito afflicto a um barranco onde cresciam certas plantas medicinaes que sua mãe lhe indicara, e tratou do animal com o mesmo carinho que dispensaria a uma pessoa, fazendo-lhe cataplasmas e remedios.

O pae, dizia-lhe até por gracejo: — Queres aprender para alveitar, rapaz?

A mãe, que quasi sempre estava fiando á lareira quando o pequeno ia cuidar da pobre *Minerva*, murmurava por seu turno estas palavras: — Abençoe-o, meu Deus, porque bemaventurados os que usam de misericordia! Elle, que faz bem aos animaes, tem com certeza um bom character.

Passou-se este incidente. Em outro dia, estava Leonardo na estrada e viu aproximar-se d'elle um rebanho de ovelhas e carneiros, que vinha de Hespanha.

O rebanho era immenso, e os cordeirinhos, baltando alegremente, seguiam as mães aos pulos, descrevendo curvas engraçadissimas e animando por instantes a solidão alpestre d'aquelles logares.



O pequeno ficára encantado!

Ao lado do pastor, com passo vacillante e mal seguro, podendo apenas alcançar a ultima das suas companheiras, vinha uma pobre ovelhinha cega e estropeada. Quando ficava um pouco mais atraz, o rapaz do maioral enxotava-a com pedras, ou batia-lhe para a fazer andar.

Leonardo, a principio, não a tinha visto; mas logo que encarou o pobre animalsinho, não poudo conter as lagrimas e dirigiu-se ao rude maioral, pedindo-lhe quasi de mãos postas que tivesse compaixão da desventurada ovelha. — É uma barbaridade obrigar-a a caminhar assim, dizia elle; se a matasse, soffreria menos, por certo.

O pastor olhou para o pequeno com ar espantado. Nunca em dias de sua vida ouvira semelhantes proposições.

— Pareces-me um padre cura, homemsinho! Estarás tu estudando para isso? Olha que has de vir a ser um bom prior, se continuares a pensar do mesmo modo. Estás doido?!... De que serviria matar a ovelha, se ella não tem senão a pelle e o osso?!...

— Se podesse compral-a!... Diga-me uma cousa: é muito cara?

— No estado em que está, não pôde valer mais de tres tostões.

Leonardo levou rapidamente a mão á algibeira, contando e tornando a contar alguns cobses que trazia. Por fim, desanimado, exclama: — Que pena! Tenho só doze vintens!...

— Quem te deu tanto dinheiro, rapazinho? Tu és por força filho de algum ricoço!

— Não, senhor; eu sou filho do guarda do *monte* do sr. D. Rodrigo de Macedo; e quando o morgado vem á herdade, sempre me dá alguns vintemsinhos.

— Em summa, já que tens tão bom coração, passa para cá só oito vintens e fica com a ovelhinha. Olha que levas boa prenda; não te desfaças d'ella.

Leonardo deu o dinheiro, agradeceu louco de alegria ao bom do homem, e tomando a ovelha ás costas, levou-a em triumpho até ao *monte*. Chegando alli, contou á mãe tudo quanto se passára e recebeu mil carinhos d'esta, em premio do bem que tinha feito.

Mas o pobre animal estava transido de fome e de sede; era necessario cuidar d'elle sem demora. O caritativo rapaz depois de receber os louvores maternas, poz pela segunda vez aos hombros a ovelhinha, levou-a para um telheiro que havia no



pateo, deu-lhe agua e herva fresca, fez-lhe uma cama de palha, e despediu-se em seguida d'ella com beijos, amimando-a como se fosse uma criança.

No fim de dez dias, e á força de incessantes cuidados, teve a alegria de vêr a sua protegida pastar muito satisfeita e sósinha em volta de casa, d'onde a cegueira não a deixava affastar-se muito; e ao cabo de mez e meio, subiu de ponto o jubilo do nosso homem, quando um dia pela manhã cedo, indo tratar da sua querida ovelhinha, a encontrou lambendo e acariciando dois cordeirinhos brancos como a neve.

Leonardo não pensára nunca em chegar a possuir de uma assentada tres animaesinhos como aquelles. O prazer que tal acontecimento produziu n'elle, tornou-o quasi doido; e o que sobretudo mais o regosijava, era a certeza de que, tanto a mãe, como os filhos lhe deviam a existencia. No seu delirio, tudo quanto fazia a uns e a outra lhe parecia pouco. A cada momento imaginava novas commodidades de que podesse rodeal-os. Para lhes servir de cama escolhia sempre a palha mais macia e fresca. A herva que lhes dava era da melhor e mais verdejante. Emfim, nada faltava aos felizes animaes, nem mesmo caricias e affagos.

Tratando-os d'este modo, não é para admirar que elles o seguissem por toda a parte, brincando e balando, como que a procurarem demonstrar assim, o prazer que a presença do seu bemfeitor lhes causava.

Algum tempo depois dos acontecimentos que deixamos narrados, vieram D. Rodrigo e sua filha passar uns dias ao *monte*. D. Joanna, assim se chamava esta, trazia comsigo nma cadellinha felpuda, de muita estimação e branca como um arminho, a que pozera o nome de Lilla. O pequeno animal era o seu enlevo, a sua companhia constante e inseparavel.

Depois de installados na herdade, lembrou-se D. Rodrigo de que tinha de ir a Extremoz resolver uns negocios importantes, promettendo á filha que estaria de volta o mais breve possivel. Esta noticia contrariou-a um tanto, mas como ficava bem acompanhada resignou-se logo.

No dia immediato ao da chegada ao *monte*, e quasi ao sol posto, para evitar o calor, partiram D. Rodrigo, sendo acompanhado até á estrada, que ficava proxima, por D. Joanna, a sua aia e Leonardo. Feitas as despedidas, regressaram a menina e os criados a casa; Lilla vinha tambem no rancho, mas



visivelmente tristonha e carrancuda, sem fazer grande caso da dona.

Pensarão talvez que esta lhe havia batido ou ralhado? Pois nada d'isso acontecêra. D. Joanna nem ao de leve seria capaz de maltratar a sua querida cadellinha. O motivo dos amúos era bem differente. A aia da menina lavava Lilla frequentes vezes, e, sempre que o fazia, costumava levantar-lhe as madeixas de pêllo fino e ondeado que lhe caíam sobre os olhos, atando-lh'as em seguida com um grande laço de fita de sêda escarlata. O animal parecia já tão habituado a estes enfeites que, quando por casualidade se esqueciam de o pentear, andava triste e amuado pelos cantos.

Ora, exactamente n'aquelle dia, tinha Lilla sido lavada, e quiz o acaso que não lhe atassem o pêllo com o tal laço de fita. Por isso a mimosa seguia a dona de mau grado, e em vez de ir correndo e saltando, como costumava, diante d'ella, ia, pelo contrario, muito atraz, escondendo-se por entre as moitas e farejando tudo.

D. Joanna entretida até á estrada com a conversa do pae, e, no regresso para a herdade, com as historias que a sua aia lhe contava em um tom jovial e alegre, não fez reparo na cadellinha; mas,

quando já de noite chegou ao *monte*, deu pela falta d'ella e ficou afflicta.

Por mais que a chamassem, Lilla não vinha; Leonardo foi até mesmo procural-a em volta de casa e não a encontrou.

Vendo que eram infructíferas todas as diligencias e esforços para lhe descobrirem o paradeiro, foi immenso o pesar que se apossou de D. Joanna. As lagrimas começaram a deslizar-lhe pelas faces, e no auge da desesperação, chegou a dizer que morria, se a sua querida Lilla não apparecesse.

Leonardo, consternado por vêr o soffrimento da boa menina, que elle respeitava como um ente superior, e a quem muito quera, por ser excessivamente bondosa e meiga para com os servos da casa, deliberou a todo o transe procurar a cadellinha. Havia apenas uma difficuldade: os paes não lhe dariam licença para sair tão tarde, pois estavam a cair nove horas e era perigoso transitar fôra dos muros da horta, por causa dos lobos, que umas vezes por outras se encontravam n'aquelles caminhos.

Isto porém, não assustou o intrepido rapazinho; lembrou-se de que a lua devia sair pelas onze e meia e resolveu commetter uma falta de obediencia



à vontade de seus paes, desculpada até certo ponto pelo forte sentimento de caridade que a dictava.

Sem dar a conhecer as suas intenções a pessoa alguma, despediu-se de D. Joanna, pedindo-lhe está instantemente que fosse vêr de madrugada se a pobre Lilla não tinha sido comida pelos lobos.

Leonardo dormia n'uma especie de celleiro, que ficava contiguo ao quarto de sua mãe. Genoveva arranjára-lhe alli a cama em sitio bem resguardado do ar, e antes de se recolher, ia todas as noites beijar o filho, conchegar-lhe a roupa e abraçal-o com todo o seu affecto maternal.

Leonardo d'esta vez foi para o quarto simulando um grande somno; abriu cautelosamente a janella, a que encostou a sua jaleca para que parecesse estar fechada e metten-se entre os lençoes com o resto do fato vestido. Quando a mãe lhe foi dar o costumado beijo, ficou convencida de que dormia um somno profundo e tranquillo, tal era a pericia com que o nosso rapazinho fingia, para levar ao fim o seu intento.

Passados alguns minutos depois que Genoveva fechára a porta, e quando Leonardo não sentia já o mais leve rumor em casa, levantou-se muito de vagar, abrin a janella, deitou os sapatos e a jaleca

para o lado de fóra, pegou n'um pau, e deixou-se escorregar do parapeito para o pateo.

A *Minerva* e o *Carocho*, ouvindo ruido, iam começar a ladrar, mas reconheceram o dono á clari-  
dade da lua, e aproximaram-se amigavelmente d'elle, abanando as caudas.

Leonardo então, calçou os sapatos, vestiu a jaleca, dirigiu-se correndo até ao portão da horta, que, felizmente tinha a chave por dentro, abriu-o, e saiu para a herdade, acompanhado de perto pelos dois cães.

A lua illuminava o montado, e as azinheiras e sobreiros desenhavam no solo manchas gigantes de mil caprichosas fôrmas.

— Lilla! Lilla! Gritava o bom rapazinho, desde que se achou em sitio onde não podia ser ouvido do monte. Lilla! Lilla!

E em quanto elle assim chamava, a *Minerva* e o *Carocho*, que pareciam comprehender as intenções do dono, corriam em diversas direcções, buscando e farejando por toda a parte.

Mas tudo era baldado; o pequeno começára a desanimar.

De repente, quando já tinha decorrido um quarto de hora, gasto em pesquisas infructíferas, ouviu-se entre as moitas uma especie de gemido suffocado.



Leonardo e os dois cães, como que movidos por egual impulso, precipitaram-se correndo para aquelle ponto. No meio das estevas percebia-se uma consa branca que se debatia debilmente. Era Lilla.

O pobre animal caíra em uma especie de laço que os caçadores furtivos costumam armar aos coelhos, mas quiz o acaso que o arame não lhe tivesse apertado muito o pescoço, e se não fôra esta circumstancia, teria já morrido suffocada.

Leonardo cheio de alegria por vêr que ainda respirava, solton-a da tal armadilha, agitou-a no ar, sopron-lhe com força no focinho, tomou-a nos braços e poz-se a caminho de casa, conseguindo dentro de alguns minutos reanimar completamente a misera cadellinha, que já lhe lambia as faces, em signal de reconhecimento.

Estava quasi chegado ao portão da horta, quando a *Minerva* e o *Carocho*, voltando-se de repente para traz, começaram a rosar surdamente e a arrebitar as orelhas. Alguma cousa se passava de extraordinario. Leonardo sentia bater-lhe o coração com ancia e fazia mil conjecturas.

Um encontro áquellas horas não podia ser bom!

— Meu Deus, balbuciava o rapaz; será algum

lobo? E eu, que sai sem licença de meus paes! Valei-me Santa Mãe do céu! Valei-me!...

Os cães corriam desordenadamente em todos os sentidos, e voltavam logo em seguida para junto do dono, como se tivessem receio de o abandonar. Por fim, Leonardo que avançava sempre resolutivo, apesar de invocar o auxilio do céu a cada passo, viu luzir por entre as moitas dois olhos, como dois carvões accesos.

— É um lobo, disse elle, sentindo esfriar-lhe o corpo.

Pobre criança! Os lobos causavam-lhe um pavor immenso; ouvindo-lhes os uivos sinistros em noites de inverno, quando a fome os acossava para junto dos curraes de gado, tremia de medo, apesar de estar em casa, com a porta bem trancada e a cabecinha meio escondida no regaço da mãe.

Como havia pois de affrontal-os agora, sósinho, sem o auxilio de ninguem, e áquella hora da noite?!...

— Animo! Disse elle por fim comsigo mesmo, pensando em Deus e nos paes. É preciso correr com toda a força e alcançar a horta, que fica a dois passos. Depois de lá estar, fecho o portão e nada posso temer.



E assim fez, estreitando sempre Lilla nos braços. Os cães seguiam-n'o a uma curta distancia com as orelhas arrebitadas.

O lobo indeciso, não ousou logo ataca-lo, mas depois de o vêr passar diante do lugar onde estava emboscado, lançou-se-lhe traçoeiramente na pista.

Os corajosos cães, sentindo-se perseguidos, estacaram de repente á beira da estrada e aguardaram com firmeza a aproximação da fera, que se não fez esperar muito.

Travou-se então uma lucta encarniçada e medonha.

Leonardo caminhava sempre, e já levava uma grande dianteira. Tinha o coração oppresso; temendo ser alcançado pelo lobo, receiava tambem, e muito, que algum dos seus queridos cães fosse morto pelo feroz animal. Exhausto de forças e respirando já difficilmente, poudo emfim alcançar o portão da horta, que fechou sobre si, depois de ter entrado.

Pobre rapaz! Considerava-se feliz por haver escapado a um perigo enorme, mas sempre bom e generoso, imaginava ter praticado um acto de crueldade e de traição, sacrificando os seus fieis e zelosos defensores! Que nobre alma aquella!...

Chegando perto do *monte*, a afflicção não o deixou por mais tempo conter-se, e gritou por soccorro.

A mãe, acordando sobresaltada ao ouvir a voz do filho, corren logo ao quarto d'este. O pae, que despertára ao mesmo tempo, enfiou as calças, pegou instinctivamente na espingarda que tinha á cabeceira do leito, e de um pulo foi abrir a porta de casa.

Leonardo estava caído sem forças no poial da entrada, conservando a cadellinha nos braços.

Genoveva beijava-o assustada e afflicta, procurando reanimal-o. Jacintho, que o adorava extremamente, dizia-lhe com a voz mal segura: — O que tens tu rapaz? Conta-nos tudo.

Mas a pobre criança quasi que não podia fallar; limitou-se a estender a mão para o lado da estrada e balbuciou apenas estas palavras significativas: — Os cães!... O lobo!...

O pae percebeu tudo n'um instante; não eram precisas mais explicações. Deitando a correr para o campo, chegou depressa ao muro da horta, abrin o portão, e lançou um olhar investigador em roda. A dois passos d'elle, estava a fiel *Minerva*, toda mordida, com as orelhas rasgadas, mas mostrando um ar de triumpho.

— Que é feito do *Carocho*? Perguntou Jacintho ao animal, como se este podesse responder-lhe.



*Minerva*, a quem só faltava fallar, comprehendem a pergunta do dono, olhou-o fixamente e poz-se a correr adiante d'elle. Jacintho seguia-a, e n'uma volta de caminho, á claridade da lua, viu o lobo estendido no solo, a debater-se ainda com as vascas da agonia, e o valente *Carocho* ao lado, pousando-lhe sobre o corpo uma das patas. Dir-se-ia que estava alli guardando a sua preza até á chegada do dono, que *Minerva* sem duvida alguma tinha ido chamar a casa.

Jacintho acabou de matar o lobo, dando-lhe um tiro na cabeça, e arrastou-o em seguida pela cauda para dentro da horta, acompanhado pelos dois fieis salvadores da vida de seu filho.

Este, depois de confortado pelos carinhos maternos, fôra mettido na cama, e bebêra um pouco de chá de salva brava com umas gottinhas de agua ardente, que a boa mulher considerava remedio infallivel para todas as doenças. O caso foi que elle dormiu profundamente até ás oito horas, e acordou de perfeita saude, apesar de um pouco moido.

Descrever a alegria que experimentou D. Joanna quando, ainda de madrugada, Genoveva lhe foi pôr aos pés da cama a sua estimada Lilla, é quasi impossivel.

## FLORES DA INFANCIA

— 65 —

No dia seguinte áquelle em que estes acontecimentos se passaram, voltou D. Rodrigo da sua jornada. D. Joanna, já bem informada do enorme risco que o rapazinho corrêra por sua causa, e desejando premiar tanta dedicação e coragem, apressou-se em pedir ao pae que recompensasse Leonardo generosamente.

Jacintho tinha cortado a cabeça do lobo, e espetára-a em um grande pan sobre o muro da herdade, em signal de triumpho.

A *Minerva* e o *Carocho* não cessavam de lamber um ao outro as arranhaduras e mordidellas feitas pelo lobo, que por fortuna não eram perigosas, graças á destreza e agilidade com que tinham sabido furtar-se aos seus afiados dentes.

Ao cair da tarde, achavam-se reunidos no pateo da casa, D. Rodrigo, sua filha, a aia d'esta, e os guardas do *monte*.

D. Joanna acabava uma golasinha de *crochet*, em quanto o pae lia os jornaes que trouxera de Extremoz. A aia da menina e Genoveva, costuravam. Jacintho, a um canto, concertava os cabos das enxadas e Leonardo, o nosso heroe, entretinha-se em dar de comer ás suas tres ovelhinhas.

D. Rodrigo, de repente, pousou o jornal sobre



os joelhos, e lembrando-se do pedido da filha, formulou a seguinte pergunta: — Que tencionam fazer d'este rapaz?

— Um bom criado de V. Ex.<sup>a</sup> e fiel guardador d'estas propriedades, se por nossa morte V. Ex.<sup>a</sup> o quizer conservar ao seu serviço; respondeu Genoveva, em quanto o marido procurava ainda a primeira palavra para responder.

— E, se eu o levasse para Evora, e o mandasse estudar por minha conta no seminário?

Jacinto sentiu subitamente uma grande alegria e deixou o trabalho que tinha entre mãos. O filho no seminário... feito padre, prior, bispo!... O pobre homem desvairado pelas palavras do amo, já não pensava como d'antes.

A Sé de Evora passava-lhe como uma miragem por diante dos olhos, com a sua apparatusa collegiada, o órgão a tocar, as vestes sagradas cheias de rendas e bordados, e o seu querido Leonardo no meio d'aquillo tudo!

— Ah! Senhor morgado, balbuciou elle, correndo a mão por entre o cabello desalinhado; isso era bem bom, era...

— E qual é o parecer de Genoveva?

— Eu, senhor D. Rodrigo, só tenho a dizer uma cousa. O pequeno tem onze annos feitos; elle que escolha e veja o que o seu coração lhe pede: se ficar comnosco, se ir para a cidade.

Leonardo, que a principio se tinha tambem impressionado agradavelmente, ouvindo fallar de Evora, de seminario, e de estudos, olhou a furto para a mãe, e viu-a pallida, palpitante, anciosa, esperando o que elle iria dizer, como quem espera uma sentença de vida ou de morte. O bom rapazinho então, pensou, lá de si para si, que no isolamento do seminario não experimentaria os doces carinhos e affectos que alli gosava. A mãe adorava-o com loucura; via n'elle o seu futuro e o seu amparo; e d'ahi, ensinára-lhe a lêr e a escrever conforme poudes, fizera-lhe conhecer o verdadeiro Deus, na singeleza das suas crenças, dera-lhe sempre bons conselhos, supprindo a falta da instrucção com o instincto admiravel e sublime do amor materno. Abandonal-a depois de tudo isto, seria uma ingratição. A santa mulher não o educára assim para o vêr fugir mais tarde.

Ir estudar, era com effeito uma idéa tentadora, mas no trabalho do campo tambem o homem se torna util aos seus semelhantes. Feitas estas considerações, apagára-se completamente n'elle a ambição



natural do coração humano; o amor de filho tinha sabido vencel-a.

Depois que Genoveva fallára, todos tinham ficado silenciosos, fitando o pequeno, e aguardando a sua resposta. Não se fez esta esperar muito tempo; Leonardo deixou as ovelhinhas e voltou-se para D. Rodrigo, dizendo-lhe n'um tom firme:

— Muito obrigado, senhor morgado, mas o que eu poderia responder, já minha mãe o disse primeiro. Apesar do desejo que tenho de aproveitar o favor do senhor morgado, favor que não mereço, porque nada vale isso que para ahí fiz, estou decidido a ficar sempre na companhia de meus paes. Se V. Ex.<sup>a</sup> me não retirar a sua protecção e quizer conservar-me ao seu serviço, serei tambem guarda do *monte* para o futuro.

Jacíntho, não se poude conter, ouvindo a recusa do filho, que contrariava assim todas as suas idéas, replicou-lhe desabridamente:

— Estupido! Deste um pontapé na fortuna!

— Não deu, homem; socega. Lá porque o rapaz seguiu o impulso do seu coração, não se lhe deve ralhar assim. Honrarás pae e mãe, é o quarto mandamento da lei de Deus; e Leonardo, sacrificando todas as suas ambições futuras para viver na

companhia dos paes, cumpriu nobremente esse preceito divino.

Sendo-se honesto e virtuoso, em qualquer carreira se pôde alcançar a felicidade, fica certo d'isto ; e em quanto a teu filho, em me encarregarei de o fazer feliz, provando o que te affirmo agora.

— Escuta cá, rapaz, continuou elle. A essas tres ovelhinhas que já possues, fructo da tua abençoada caridade pelos animaes, junto en mais vinte cabeças, escolhidas por ti proprio no meu rebanho, podendo umas e outras pastar gratuitamente nas terras da herdade. As crias produzidas serão propriedade tua, e irão augmentando o rebanho, que eu sustentarei sempre, até ao dia em que possas pagar com os lucros do mesmo o aluguel das pastagens. E Deus te abençoe, pequeno ; continua n'esta vida humilde e singela, já que assim o queres, não percas os bons sentimentos e virtudes que hoje revelas, e socega, soceguem todos, que has de ser muito feliz.

Leonardo, Jacintho e Genoveva, bastante comovidos e chorando de contentamento, beijavam á porfia as mãos do velho morgado. Este então, visivelmente satisfeito por haver causado a alegria d'aquellas boas almas, voltou-se para D. Joanna e disse-lhe :



— Minha filha, apesar de teres sido collocada pela Providencia em outra esphera bem differente da d'este pobre pequeno, não deixes de aprender no rustico e humilde aldeão a mais nobre das virtudes: — a caridade, e o mais santo dos preceitos divinos: — o amor filial!



---

## A MORGADINHA, ou vaidade e arrependimento

A historia que vamos narrar é passada nos arredores de uma cidade do Minho, em um bonito palacete meio escondido entre frondoso e espesso arvoredos.

Vivia alli um fidalgo de antiga linhagem, viuvo e já velho, tendo por companheira unica, sua filha, chamada Heloisa. Nenhuma das qualidades que constituem uma verdadeira belleza faltava a esta. Esbelta, distincta, immensamente formosa, merecêra até do povo, admirador dos seus encantos, o feitiiceiro appellido de *Estrella d'Alva*.

Mas apesar de todos estes bellos dotes physicos, era a menina do rico solar muito pouco sympathica,



revelando logo á primeira vista uma insupportavel mistura de affectação e orgulho. A lisonja e os elogios mentirosos haviam despertado n'ella sentimentos de vaidade e de pretensão, como não é possível imaginarem-se.

D. Alvaro, o pae de Heloisa, conhecia perfeitamente os defeitos de sua filha, mas cheio de indulgencia e de bondade, fechava as mais das vezes os olhos ás inconveniencias que lhe via praticar; e, se de quando em quando, instigado pelo capellão da casa affectava perante a filha uma severidade que estava bem longe de sentir, bastava um beijo ou uma simples caricia d'esta, para que o mau humor ficasse desfeito.

Heloisa poderia vir mais tarde a ser uma especie de tyranno da familia, se lhe não reprimissem a vaidade, como dizia o velho conselheiro de D. Alvaro, mas apesar de tudo era sua filha e elle queria-lhe como ao viver.

Occupada unicamente nos cuidados da sua pessoa, passava Heloisa a maior parte dos dias ao toucador, sem lhe importar o estudo, e descuidando-se mesmo de aprender as cousas mais necessarias. Se por acaso se entregava á leitura de qualquer livro, por mais serio e interessante que elle fosse, tinha logo

o cuidado de collocar-se defronte de um grande espelho, a fim de vêr se o movimento dos labios dava á sua bocca uma fórma agradável, parando a cada instante para ageitar as pregas do vestido, arranjar o laço do peito ou a fita da cintura, e deitar para traz as formosas e compridas madeixas dos seus negros cabellos.

As mestras, apesar de largamente recompensadas por D. Alvaro, enfastiavam-se de aturar a vaidosa, vendo-se o pobre velho forçado todos os mezes a escolher novas professoras para sua filha.

E não se cuide que faltava a intelligencia a Heloisa; pelo contrario. A educação materna é que lhe havia faltado, e os excessivos mimos do pae tinham feito d'ella uma menina insupportavel.

Deu-se porém um caso, que felizmente veio servir-lhe de correccão e emendar tão deploraveis defeitos, mostrando-lhe ao mesmo tempo que a belleza da alma é a unica de que podemos sentir, senão orgulho, ao menos satisfação intima e profunda.

Heloisa visitava-se assiduamente com a filha de uma rica lavradora, proprietaria da herdade que ficava fronteira ao seu palacete.

Marianna, assim se chamava aquella, era uma



excellente menina em toda a extensão da palavra. Educada em Lisboa, onde tinha aprendido com facilidade tudo quanto nos collegios lhe haviam ensinado, voltára aos quinze annos para junto de sua mãe, a quem muito amava, fazendo as delicias do lar e da familia.

Sem pretensões algumas, modesta o mais possivel no seu vestuario, naturalmente meiga, affavel e simples, fazia-se estimar por toda a gente que a tratava de perto.

Juntavam-se frequentes vezes as duas amigas em casa uma da outra, ou no campo, onde davam repetidos passeios a cavallo, mas era raro vel-as separar sem que ficassem amuadas.

Heloisa era orgulhosa como já dissemos; e Marianna, que pensava de um modo completamente diverso, nem sempre podia soffrer os seus orgulhos e caprichos, provindo d'ahi os continuos arrufos de que esta ultima logo se arrependia cheia de bondade.

O dia dos annos de Marianna, que era em junho, costumava D. Theodora festejar-o em uma das suas quintas, bonita vivenda situada á beira de um riacho e não muito distante da casa de Heloisa.

Este dia estava quasi chegando, e a boa Marianna

alcançára licença de sua mãe para fazer á vontade o programma dos divertimentos com que projectava obsequiar as pessoas convidadas.

Usando da permissão concedida, tinha pois escripto a todas as meninas da sua amisade, pedindo-lhes para virem passar o dia com ella. Deviam reunir-se na herdade ás seis horas da manhã. As convidadas eram quinze. D'entre ellas, as que soubessem montar á ingleza, de amazonas, iriam a cavallo; outras, as mais medrosas, em burrinhos; e D. Theodora, de companhia com algumas senhoras suas intimas amigas, faria a excursão de carruagem.

Como bem deve suppôr-se, foi Heloisa uma das primeiras convidadas, e ninguem estranhará que, sendo ella tão negligente e presumçosa, a sua amiga lhe fizesse mil recommendações para não se demorar tanto tempo ao toucador, como costumava, e estar no ponto de partida á hora convencionada.

— Toma cuidado, lhe dizia esta. Olha que nos vamos divertir muito, e o dia todo parecer-nos-ha ainda curto. É preciso não desperdiçar um momento só. Acorda cedo e veste-te depressa. Tanto peor para aquellas que chegarem depois da hora: gosarão menos.



— Dizes bem; tanto peor para ellas, respondeu a soberba Heloisa. Uma vez reunidas, nem eu nem tu esperaremos por ninguem.

— Não. Isso é demasiado rigor! Devemos ter ao menos meia hora de condescendencia.

— Nem um minuto.

— Então, minha rica, toma conta contigo. Vê se queres ser uma das victimas.

Eu?!... Hei de estar aqui antes das cinco horas, sem falta. Vou dar ordem á minha criada do quarto para me acordar ás tres da madrugada; tenho tempo de sobra...

— Com effeito! E ainda te parece que não!... Nunca julguei que fôsse preciso madrugar tanto para um simples passeio de campo e levando fato de amazona! Pois eu, querida, tenciono levantar-me ás cinco. Uma hora chega para tudo. Não faças loucuras, Heloisa; olha que depois vaes estar todo o dia com cara de estremunhada e bocejando horriavelmente. Levanta-te ás cinco, e vem para aqui logo que sejam seis em ponto. Mas cautella com as demoras; lembra-te do que disseste.

— Jesus! Socega, menina; sou eu mesma quem hei de vir acordar-te. Só um caso de doença poderia privar-me de tão agradavel passatempo. Um passeio

a cavallo e em tão boa companhia, que lindo que vae ser!

— Delicioso, minha querida, replicou Marianna, pulando de contente; e em seguida separaram-se as duas amigas, promettendo ambas divertir-se muito na projectada festa.

O suspirado dia chegou enfim. Não precisou Marianna de que a sua amiga Heloisa viesse acordal-a; poz-se de pé muito cedo, e vendo que a aurora fulgurante annunciava um dia esplendido, ajoellou junto do seu oratorio e deu, cheia de reconhecimento, graças ao Altissimo por lhe haver concedido chegar ao termo de mais um anno de existencia, supplicando-lhe que a tivesse sempre sob o seu divino amparo.

Depois de cumprir este religioso dever, o primeiro que uma menina bem educada tem obrigação de observar escrupulosamente, foi dar um estreito abraço em sua boa mãe, que já andava de um para outro lado cuidando de certos preparativos, e que n'essa occasião a brindou com um lindo fato de amazona completo, desde o chapeusinho adornado de plumas até ao competente veu de gaze.

Vestil-o, foi para a boa menina obra de um momento. O cavallo esperava-a já no pateo da



herdade, sellado e prompto, escarvando a terra com as patas em signal de impaciencia.

Às seis horas, todas as meninas estavam reunidas. Mas que digo eu?! Todas? Não; faltava uma e facilmente se advinha que era Heloisa.

Deram sete horas e ella sem chegar. Passou a meia hora de condescendencia, correu ainda sobre esta outra meia, e nada!

Perder em um dia uma hora de prazer, é perder um seculo.

As meninas, já bastante impacientes, começaram a achar extraordinaria tamanha demora.

Como a que faltava era naturalmente a menos querida das que tinham vindo de fóra, os murmurios foram crescendo pouco a pouco, dizendo até algumas:

— Vamó-nos embora.

— Esperemos mais um instante, replica a boa Marianna, procurando esconder a impressão que esta contrariedade lhe causava. Heloisa não pôde tardar.

— Sim, redargue Adelaide, linda moreninha que não trajava de amazona porque ia em burrinho, mas que levava um lindo vestido proprio de campo, e um chapen de palha de Italia desabado, ornado de espigas, papoulas e malmequeres; Heloisa não vem

nem ás dez horas. Talvez que só agora principie a pentear-se.

— Ao menos, não lhe faltará nem um d'aquelles lacinhos, que ella põe com tanta pretensão na cabeça. A pobre da criada está sem duvida a encanudar-lhe os cabellos a ferro, e a presumida virá depois dizer-nos que os *caracoes são naturais*.

Verão como ella se apresenta ridicula, assemelhando-se pela grandeza e exagero do penteado ao leão da Estrella.

— E depois, acrescenta por seu turno Carolina, uma delicada e franzina lourinha de doze annos, que ainda não fallára, ha de trazer em cima de si todas as essencias aromaticas do Godefroy para nos embalsamar.

— Credo! Longe vá o teu agouro, Carolina! Embalsamar! Nenhuma de nós está n'esse caso. Eu, pelo menos, dispenso tal serviço em quanto Deus me conservar viva. Tonta! Se dissesses perfumar...

— Pois sim, sim, mas com estas palestras vae passando o tempo, e nós ficamos aqui. Que zanga!

— Isto é insupportavel, diz Arthemisa, a mais velha das convidadas, que trazia tambem um lindo traje de montar, sobresaindo pela finura e elegancia



da botinha á *écuyère*, que de vez em quando mostrava, sobraçando airosamente a canda do vestido: — fazer-nos esperar assim!

As queixas foram proseguindo por esta fôrma, até que D. Theodora julgou conveniente effectuar a partida, mesmo porque o sol começava já a tomar força, e eram quasi nove horas do dia.

Marianna viu-se forçada a ceder, e não conseguiu nem mais um instante de demora. Tudo se poz portanto em movimento.

As amazonas iam na frente, e logo em seguida marchavam as mais pequeninas do rancho em burrinhos, acompanhadas pelos respectivos criados; D. Theodora e tres ontras senhoras da sua amisade iam na carruagem, atraz da alegre caravana.

No mómento da partida, tentou Marianna um ultimo esforço, levada pela sua immensa e natural bondade. Aproximou-se da mãe e pediu-lhe que mandasse um criado a casa de Heloisa. Talvez que a pobre menina estivesse doente!

— Se é essa a tua vontade, filha, não nego o que pedes, comtanto que continuemos a andar. O Bernardo que vá a cavallo, para transpôr o caminho mais depressa, e que a acompanhe depois, se ella quizer.

Assim se fez, sem que por isso as formosas cavalleiras alterassem a sua marcha atravez das campinas inundadas de sol. Os cavallos caracolavam alegremente, relinchando de quando em quando, e ellas, as gentis amazonas, riam felizes, ou cochichavam umas com as outras.

Por fim, chegaram todas á quinta, onde as esperava um esplendido e succulento almoço.

Em todos aquelles rostos juvenis e feiticeiros transparecia um jubilo sincero. Só o semblante sympathico de Marianna era toldado por uma ligeira sombra de tristeza.

Heloisa não vinha. Estaria ella doênte?!... Tal era o pensamento que preocupava a boa menina.

Passou-se algum tempo. Quando se levantaram da meza, chegando ao parapeito do grande terraço de onde se dominava a estrada, e que, ensombrado por um florido caramanchel de trepadeiras e balsaminas, convidava a respirar-se alli o puro ar do campo, avistaram Heloisa ao longe.

A orgulhosa Mõrgadinha cavalgava com mestria o seu bello corcel andaluz, sopeando-lhe os impetos da carreira, apesar do sol abraçador que já fazia, para que a aragem não desmanchasse os compridos



canudos dos seus formosos cabellos, que lhe caíam pelas costas envoltos em um ven de gaze azul.

De momento a momento parava na estrada e chegava uma bola de arminho cheia de pó de arroz ás faces, para que o calor não podesse crestar-lh'as.

Emfim, era uma especie de marcha triumphal, feita sob um sol ardente de junho em terreno abrazado.

Os pobres criados que a acompanhavam, vendo tudo isto, maldiziam lá de si para comsigo a presumpção da tola menina, mas que remedio tinham elles senão atural-a?

Quando Heloisa transpoz o portão da quinta, viu logo todas as meninas e suas mães rennidas na sala que ficava ao rez do jardim.

Apenas se apeou e encarou as suas amigas, leu tal expressão de zombaria nos maliciosos olhinhos que a fitavam, tanta seccura e desabrimento na recepção feita por D. Theodora, que ficou enleuada, e se não fossem os sentimentos de compaixão e affecto manifestados no risonho semblante de Marianna, ter-lhe-iam rebentado dos olhos as lagrimas que já os mareavam.

A pohre Morgadinha causava dó, e mal ponde

balbuciar algumas palavras de desculpa quasi intelligiveis.

— Muito bem, Heloisa; sabes cumprir perfeitamente a tua palavra, disse-lhe Arthemisa com autoridade de amiga mais velha.

— Asseguro que me não foi possível... Redarguiu aquella, dirigindo-se a Marianna.

— Não te foi possível o quê? Fazer uma *toilette* menos demorada? Era capaz de jurar que só a encanudar o cabello consumiste tres horas!

— E como vem bonita e cheirosa, disse Carolina, a magrinha, que pelos modos não gostava muito de agua de colonia e de essencias aromaticas.

— Deixem-n'a, coitada, bradou Leonia, que até alli não fallára ainda. Eu já sei porque motivos Heloisa se demorou. Tinham-se perdido os ferros com que costuma dar o tal *geitinho natural* ao cabello.

E riam e riam sempre, trocando entre si signaes eloquentes e epigrammas mordazes. Heloisa estava vexada e verdadeiramente arrependida de ter tardado tanto.

Propoz D. Theodora um passeio á densa e copada mata da quinta, onde nem mesmo ao meio dia penetrava um raio de sol. Todas acolheram com



prazer a proposta, encaminhando-se logo alegremente para debaixo das frondosas arvores. Chegadas alli, entregaram-se as gentis convidadas de Marianna a toda a especie de jogos e de brinquedos, correndo e saltando de um para outro lado.

Só Heloisa não corria nem brincava. Encerrada em um espartilho apertadissimo, que lhe tolhia os movimentos, com os pés aperreados em umas botinhas, onde o sapateiro sacrificára a commodidade á elegancia, só a muito custo podia dar alguns passos. Em quanto as outras meninas dondejavam ligeiras como borboletas pela campina, cantando e rindo, permanecia ella assentada no tronco de uma arvore que o vento derrubára, sem tomar parte nas distracções e nos folguedos.

Lembraram-se algumas de ir beber agua a uma fontinha, que ficava no meio da mata, e convidaram Heloisa para as acompanhar.

— Não posso fazer-lhes a vontade, disse ella tristemente. O vestido incommoda-me e as botas impossibilitam-me de mover os pés.

— Mas, meninas, redarguiu Adelaide indignada, porque Heloisa se lembrou de trazer um vestido de amazona cuja cauda tem pelo menos uma peça de panno, porque a criada lhe apertou o espartilho

até ao ponto de não poder respirar á vontade, porque o sapáteiro lhe fez um pé de chineza á custa dos pobres dedos, que estão opprimidos e suspirando talvez pelos sapatinhos de trazer por casa, havemos nós de estar aqui paradas, deixando de ir para onde nos appeteca, contra o programma da nossa festa?!... Não; de nenhum modo. Eu proponho, e creio que a maioria será por mim, que a menina Heloisa volte para a quinta, a fim de fazer amavel companhia á sr.<sup>a</sup> D. Theodora, á mamã de Carolina e a minha mãe.

Heloisa quiz protestar; Marianna mostrou desejos de intervir, mas Arthemisa, tão implacaval como Adelaide, pegando na mão da nossa heroína, obrigou-a a levantar-se, dizendo-lhe em um tom de severidade: — Vá, e não seja para a outra vez tão presumida. Dens queira que a lição lhe sirva.

Heloisa ouviu tudo isto sem fazer um gesto, sem poder proferir uma unica palavra, porque a commoção lhe suffocava a voz na garganta, e encaminhou-se machinalmente para a quinta.

Debalde D. Theodora e outras senhoras, já bastante condoídas da pobre menina, tentaram distrahi-la; tinha o coração opprimido. Logo que poudes, saiu da sala, foi para o caramanchel, descalçou as botinhas, desapertou um pouco o vestido



e deixou-se cair desfallecida sobre um banco de cortiça, dando largas á sua dôr e desafogando em lagrimas a magoa que por tanto tempo contivera.

Como ninguém pensasse em vir interrompê-la, após o pranto appareceu a reflexão. Pensou, pensou muito. Quando ás tres horas o bando irrequieto das alegres companheiras se annunciou por um arruido de vozes e gritos de jubilo, a infeliz compoz o semblante como poudes, limpou os olhos, alinhou o vestuario, calçou com difficuldade as pequeninas botas, e ficou resignada, esperando que fossem alli procural-a.

Marianna, apenas abraçou sua mãe e viu que Heloisa não estava na sala, ficou inquieta e tratou de correr em procura d'ella. Achou-a facilmente depois de alguns instantes, mas em que estado, meu Deus! Pallida, com os olhos vermelhos e pizados, mettia dô!

— Não chores mais, querida; lhe disse a caridosa menina, vendo que as lagrimas corriam de novo a quatro e quatro pelas faces da desventurada. As nossas amigas estão todas com pena do que succedeu. Descança, que nunca mais se tornará a repetir.

— E não, respondeu Heloisa; nunca mais se repetirá, porque eu hei de emendar-me. Não lhes

quero mal pelo que fizeram. Arthemisa e Adelaide, com a sua severidade, obrigaram-me a pensar, e fizeram-me vêr todo o ridículo do meu procedimento.

N'este instante entron D. Theodora no caramanchel, acompanhada por todas as meninas e pelas senhoras, suas amigas. Tendo ouvido as ultimas palavras de Heloisa, abraçou-a com immenso carinho e disse-lhe affectuosamente:

— Tudo o que a tua conducta nos fez passar hoje de desagradavel, minha filha, fica olvidado perante essa nobre promessa. Adelaide e Arthemisa aqui estão; já que reconheces o bem que ellas te fizeram, abraça-as como verdadeira amiga, e fique isto acabado por uma vez.

Todas as meninas rodearam Heloisa, afagando-a meigamente. Marianna, sempre carinhosa, levou-a para o pequeno quarto de toucador da quinta, onde ella se poudes desapertar á vontade, e emprestou-lhe umas botinhas senão tão elegantes, ao menos muito mais commodas e proprias para correr pelo campo.

Feito isto, foram jantar; fizeram muitas saudes, e á sobremeza, quando D. Theodora levantava um brinde áquelle dia feliz em que Heloisa promettêra emendar-se de todos os seus defeitos e vir a ser



uma menina meiga e interessante, ouviu-se no pateo um tropel de cavallos. Era D. Alvaro, que vinha passar alli um bocadinho da tarde, para depois regressar a casa com sua filha.

O brinde ficára suspenso quando elle entrou. D. Theodora, a quem o fidalgo respeitava muito, por ser uma senhora de costumes exemplares e de uma conducta irreprehensivel, contou-lhe em poucas palavras o que succedêra. Esta narração foi um novo triumpho para Heloisa; todas as pessoas presentes, incluindo D. Alvaro, a elogiaram, e ella recebeu esses elogios, não de frente erguida e olhar altivo, mas córando e baixando modestamente os olhos, o que fazia realçar ainda mais a sua esplendida belleza.

À tardinha poz-se de volta a caravana. Vieram todos reunidos até um certo ponto da estrada, e ahi, começaram a separar-se, partindo cada um para sua casa penetrado do solemne e proveitoso desenlace que tivera a ridicula scena de pela manhã.

Marianna, depois de recolhida ao seu quarto de dormir, ajoelhou diante do oratorio para fazer a costumada oração da noite, e agradeceu fervorosamente a Deus o ter-lhe concedido n'aquelle dia uma prenda de annos tão preciosa: — o arrependimento da sua querida Heloisa.

## A GRAMMATICA DO *CHIQUINHO*

(IMITAÇÃO)

### I

#### Um desejo do *Chiquinho*

Já sabe lêr. Tem cinco annos completos, e cinco annos não são cinco dias. Está um homemsinho, aprendeu as letras n'um instante, e agora lê corrente na sua bonita cartilha de João de Deus, mas não lhe basta isto tudo: falta-lhe aprender a *grammatica*.

Disse-lhe alguém que a *grammatica* era só para os meninos de mais idade, mas *Chiquinho* acha-se já bastante crescido para estudal-a e pediu uma á sua mamã com muita instancia.

A mamã vae ao armario, tira d'elle um livro mal cartonado, impresso em papel ordinario com letras pequeninas, e mostra-o a *Chiquinho*.



— Hni! Isso é que é uma *grammatica*!? Não gosto nada de lêr em livros tão feios!...

## II

### A GRAMMATICA

— Ora diga-me a minha querida mamãzinha : não pôde ensinar-me a *grammatica* por um outro livro mais bonito que esse ?

Fazendo esta pergunta, abriu *Chiquinho* o compendio, e len logo na primeira pagina a definição seguinte :

*A grammatica é a arte de fallar e escrever correctamente.*

*Chiquinho* ficou admirado. Havia já quatro annos que fallava desde pela manhã até á noite sem saber *grammatica*, fazia todos os dias ligações e riscos sobre muitas folhas de papel, tambem sem o auxilio da *grammatica*, e precisava agora d'ella!...

O pequenino estudante fez estas considerações á mamã, que notára o sen espanto e que se apressou a responder-lhe, sorrindo :

— És um tonto, meu filho! Proferir palavras a tórto e a direito, sem pensar no que se diz, como

póde fazer o *Sultão* quando ladra e o *Carocho* quando mia, não é fallar; é papagaiar.

Rabiscar sem tino sobre um papel, tambem não é escrever, como tu imaginas. Quem sabe escrever, compõe phrases por si mesmo, de modo que toda a gente as comprehenda, como acontece com as de qualquer livro.

### III

#### A ORAÇÃO

— O que são *phrases*, mamã?

— Eu t'ó digo já. Rezaste esta manhã ao acordar, como costumás?

— *Oh! Sim, minha querida mamã! Até pedi a Nosso Senhor que me fizesse muito bom todo o dia, para dar gosto á mamãsinha e ao papá.*

— Muito bem! Ahi está uma *oração* excellente! É um seguimento de palavras que se ajuntam e combinam, dizendo-nos que o nosso querido *Chiquinho* estima verdadeiramente os seus papás.

Queres tu examinar essas palavras uma por uma, meu filho? Está n'ellas a grammatica inteira sem lhe faltar nada.



O pequenino, ouvindo a mãe, fica encantado por saber fazer *orações* excellentes onde está toda a grammatica, e já deseja continuar o seu estudo, achando-o muito bonito e divertido.

#### IV

##### O NOME OU SUBSTANTIVO

— Dize-me como se chamam todos os objectos que vou mostrar-te.

— Uma meza, uma cadeira, um copo, uma garrafa, uma jarra.

— Perfeitamente. Que nome dás áquelle senhor que alli está retratado?

— Papá.

— E a esta senhora, que está no outro quadro?

— Mamã.

— Então agora já ficas conhecendo o *nome* ou *substantivo*. As palavras que servem para designar tudo o que se vê, como o *papá* e a *mamã* da tua oração, são *nomes*.

— *Juizo*, é tambem um *nome*, mas não se vê, mamã!

— Não tem corpo, mas nem por isso deixamos de chamar-lhe um *substantivo*. Aprenderás na grammatica que os *nomes* podem ser de duas especies: os que se vêem e os que se não vêem.

Pensa lá um instante, meu querido filho, procura mais alguns *nomes* de consas que se não vejam, enquanto eu vou vêr o que se passa lá dentro e vigiar o assucar que está quasi em ponto para fazer o doce.

*Chiquinho* põe os olhos no tecto e acha logo de repente: prazer, tristeza, golodice, colera, domingo. Acudiram-lhe á lembrança tantos *nomes* que a mamã, quando voltou, viu-se forçada a fazel-o calar.

Feita esta explicação, ensina-lhe a couhecer os *nomes proprios*, que pertencem a uma só pessoa ou cousa, e os *nomes communs*, que são dados a muitas consas ou pessoas. — Francisco é um *nome proprio*; pertence ao menino só. Papá é um *nome commum*; é dado a todos os papás.

— Isto não custa muito a aprender, diz elle todo contente e batendo as palmas. Vou pensar nos *nomes proprios* e *communs*, enquanto brinco com os meus barquinhos de papel.



## V

## OS NUMEROS E OS GENEROS

— Deram-se aos nomes *numeros* e *generos*. É isso o que vamos vêr agora. Parece-te muito, filhinho, mas olha que não é bicho de metter medo.

Quando se diz: *o nariz, a bocca*, falla-se apenas de uma só cousa. Estes nomes estão portanto no *singular*.

Se dissermos: *os olhos, as orelhas*, fallamos de muitas cousas: são nomes no *plural*.

O *singular* e o *plural* são pois os *numeros* dos nomes, e só ha estes dois, assim como ha dois *generos*: o *masculino* e o *feminino*.

*Chico*, é um rapazinho; o seu nome é *masculino*. A prima Magdalena é uma menina; o seu nome é *feminino*, já se vê. Papá, é um nome *masculino*; mamã, um nome *feminino*.

Ha ainda uma palavrinha, que se chama *artigo*, e que se põe antes dos nomes, servindo para distinguir os *generos* e os *numeros*. Os *artigos* são os seguintes: *o, a, os, as, um, uma, uns, umas*. O e *um*, collocam-se antes dos nomes masculinos; a

e *uma*, antes dos femininos, no singular. *Os* e *uns*, põem-se antes dos nomes masculinos; *as* e *umas*, antes dos femininos, no plural.

— Mas diga-me uma cousa, mamã. Porque rasão tem o nariz, que não é homem, um nome masculino, e a bocca, que não é mulher, um nome feminino?...

— Curioso! Porque assim está determinado; porque o uso assim o quiz, e o uso faz lei.

## VI

### O ADJECTIVO

— O nome tem as mais das vezes um compa-  
nheiro. É o *adjectivo*, e chamam-lhe assim, porque  
se ajunta on se aggrega ao nome, para o qualificar  
e lhe dar o sen valor.

Lembra-te lá de um nome qualquer.

— Casa.

— Está bem. Casa. Se a casa é velha, cheia  
de fendas, com o telhado a cair e as paredes  
negras, chama-se-lhe um casebre; se é pequena  
e bonita, casinha; se é grande e rica, um palacio.  
A proposito; de qual d'estas tres casas gostas  
mais?



*Chiquinho* decide-se pela *casinha*, mas quer que ella seja muito linda, que tenha tantos quartos quantos são os seus bonecos, e um jardim enorme, e arvores para fazer sombra, e bonitas roseiras no muro em volta das janellas, e mil outras cousas. A sonhada habitação custaria mais cara que um palacio e pareceria uma encantadora morada de fadas!

E o peor é que se esqueceu já do *adjectivo*, pensando na tal *casinha* feitiçeira.

É preciso pois interrompel-o nos projectos da sua empresa edificadora, e ensinar-lhe que, velha, pequena, bonita, grande e rica, são *adjectivos* do genero feminino, por isso que o uso tornou feminina a palavra *casa* a que taes *adjectivos* estão ligados.

Ha pessoas que não teem opinião propria, disse-lhe a mamã, e que se encostam sempre á opinião do visinho mais proximo. Succede assim ao *adjectivo*. Não tendo genero propriamente seu, toma sempre o do nome a que está ligado.

Os *adjectivos* teem uma fôrma masculina e outra feminina, passando d'aquella para esta por differentes modos, que o meu filho aprenderá mais tarde.

## VII

### O PRONOME

— O nome não tem um só companheiro, tem também um substituto; isto é, um amigo serviçal e dedicado, que muitas vezes se colloca em seu lugar e desempenha o seu papel.

Seria realmente massador e insupportavel vêr repetidas n'uma oração as mesmas palavras pela fôrma seguinte:

O menino *Chico* quer que a mamã dê dôce ao menino *Chico*; mas o menino *Chico* faz zangar a mamã, e a mamã vae ralhar com o menino *Chico*.

— Oh! Mamã, não ralhe commigo. Eu estou tão quietinho!...

— Isto não é ralhar, filho; é apenas um exemplo onde te mostro o quanto seriam feias e exquisitas certas phrases, se não se tivessem imaginado os *pronomes* e se deixassemos de os collocar de vez em quando na oração em lugar do nome.

— Então n'esse caso, como se diz?

— O menino *Chico* quer que a mamã *lhe* dê dôce; mas *elle* faz zangar a mamã e *ella* vae ralhar-*lhe*.



*Lhe, elle e ella* são *pronomes*, e facilmente se conhecem.

Ha tres pessoas nos *pronomes*. Logo t'o explicarei quando fallarmos do verbo, e fica certo de que tudo comprehenderás.

— Explique já, mamã, diz a criança com vivo interesse. Eston desejando saber o que é verbo; já não tenho zanga á grammatica, já nada me mette medo.

## VIII

### O VERBO

— Has de ter algumas vezes ouvido dizer : Fulano tem o *verbo* sonoro, eloquente, suave, inspirado. È porque antigamente chamava-se *verbo* á palavra, e até *divino verbo* a Jesu-Christo.

Já tu vês por isso que logar importante deve occupar na grammatica um termo tão valioso e necessario, o rei das palavras, para assim dizer.

— Comprehando tudo, mamã, mas com isso ainda me não disse o que é *verbo* e o que faz elle na minha oração.

— Espera um instante, filho. Não é bom ser

impaciente. Francisco é um nome, não é verdade? O que faz o adjectivo ao seu lado na oração? Mostra-nos as suas qualidades. E o pronome? Põe-se em substituição d'elle.

Pois o *verbo* vae-nos dizer quando Francisco *dorme*, quando *come*, quando *corre*, e quando *grita*, o que não acontece poucas vezes. Afinal, o *verbo* é a palavra com que affirmamos ou negamos qualquer coisa, e divide-se em varias especies, como tu ao diante verás.

— Então quando eu digo: gosto muito do papá e estimo devêras a minha querida mamã, — *gosto* e *estimo*, são *verbos*?

— E *verbos* dos mais lindos.

— Pois bem. Vou fazer a diligencia para só dizer *verbos* bonitos.

## IX

### AS TRES PESSOAS

— Chegámos enfim ás taes *tres pessoas* de que te havia fallado, e que não debes confundir com as da Santissima Trindade. Escuta cá:

Quando dois sujeitos estão conversando, ha um



que falla, outro com quem se falla, e outro de quem se falla. São essas as *tres* pessoas de que reza a grammatica.

Oh! Mamã, agora é que eu não entendo lá muito bem. Veja se me explica isso melhor.

Espera, filho, que já comprehendes.

Quando amanhã cedo eu te mandar levar o *Diario de Noticias* ao papá, como é costume, verás todas tres apparecerem, cada uma no seu logar. Admiras-te? Pois ouve:

*Eu*, dou-te o jornal.

*Tu*, vaes leval-o ao papá.

*Elle*, dá-te um beijo em paga do teu trabalho.

*Elle* é a *terceira* pessoa.

— Ora tire-me uma duvida, mamãzinha. Se por acaso o jornal cae e se amarrota, como poderei dizer ao papá: — elle caiu, — se um jornal não é uma pessoa ?!...

— Tens razão, mas é como se o fosse. Cair, representa uma acção, e tudo que faz ou pratica a acção expressa pelo verbo, é considerado como uma pessoa.

Agora já não tenho precisão de dizer-te que *eu*, *tu*, *elle*, são prónomes. Deves ter visto que substituem tres nomes: o men, o teu e o do papá.

## X

## OS TRES TEMPOS

— Era uma vez um menino, e ha muitos assim. (Não sei mesmo se tu conheces algum que se pareça com elle,) que não tinha cinco réis de juizo. Em cousa alguma do que fazia tomava cuidado; esquecia-se do que já tinha feito e não pensava nunca no que ainda tinha para fazer.

La passeiar de tarde, por exemplo, e mettia-se por toda a parte a tórto e a direito, sem reparar onde punha os pés e enlameando o fatinho. Quando deixava cair alguma cousa na rua, nem sequer olhava para traz; perdia tudo que lhe davam, mas continuava a seguir o seu caminho, sem vêr ás vezes o que tinha diante de si.

Uma fada, que gostava muito d'elle, e que reparou no seu estouvamento, deu-lhe um dia tres amigninhos, encarregando-os de o acompanhar para toda a parte.

O primeiro ia ao lado do nosso homemsinho e levava-o pela mão.

O segundo caminhava atraz, apanhando os objectos



que elle deixava cair, e collocando no seu logar tudo quanto desarrumava.

O terceiro, marchava na frente, animando-o a continuar o caminho, promettendo-lhe muita coisa bonita se elle fosse bom, e desviando cuidadosamente quaesquer obstaculos que por ventura se lhe apresentavam.

D'esta fôrma tudo corria bem ao rapazinho. A boa fada prestára-lhe um grande serviço.

Mais tarde quando se imaginou o verbo, o pequeno, que estava reconhecido aos seus amigos, em acção de graças, correu a collocar alli os seus tres companheiros, que ainda lá estão e estarão toda a vida, sob os nomes de *presente*, *preterito* e *futuro*. Eu faço, eu fiz, e eu farei. Eu durmo, eu dormi, eu dormirei.

Aqui tem o meu filho os *tempos* do verbo.

Fica sabendo tambem que estes figurões são casados com tres meninas muito distinctas: a attenção, a memoria e a providencia. Vê agora se te esqueces.

*Chiquinho* ouvia com espanto estas cousas inteiramente novas para si, e prometteu ter sempre a maxima consideração para com os *tres tempos* do verbo e suas interessantes mulheres.

## XI

## OS MODOS

— Os verbos não sô teem tempos, mas teem também *modos*.

O nosso *Chiquinho*, a esta novidade, abre desmedidamente os olhos.

Tinha ouvido muitas vezes em casa fallar de *modas* á mamã, e pergunta sorrindo se os *modos* do verbo são irmãos d'aquellas. A pergunta não era desarasoada, attenta uma certa similhaça que existe entre ambas as cousas. Se a *moda* prescreve o *modo* ou maneira de nos vestirmos, os *modos* do verbo são as differentes maneiras como exprimimos a significação d'esse mesmo verbo.

— Umas vezes, diz-se que se faz a acção, que já se fez, ou que se ha de fazer. É o *modo indicativo*.

Outras vezes, ordena-se que se faça. É o *modo imperativo*.

Outras ainda, manifesta-se a acção, determinada por um pedido, por um receio, ou por um desejo qualquer. É o *modo subjunctivo*.

Finalmente ha circumstancias em que a acção se



praticaria dadas certas condições. É o *modo condicional*.

— D'essa fôrma, diz o *Chiquinho*, quando eu como rebuçados, é o *modo indicativo*.

Quando eu digo ao *Sultão*: — corre atraz do gato, é o *imperativo*.

E quando mostro á mamãsinha os desejos que tenho de que me dê aquellas pastilhas, é o *subjunctivo*.

— Isso mesmo. E aqui tens uma, de rosa, em premio de haveres respondido tão bem.

## XII

### A VISITA DO PRIMO

N'essa occasião chega o primo Luciano, um dos grandes amigos de *Chiquinho*, e que já fizera varios exames no Lyceu.

O nosso estudantinho, ao vel-o, põe-se nos bicos dos pés, e grita-lhe n'um tom importante: — Já sei os modos do verbo.

Eu como pastilhas.

Come pastilhas.

Eu quero que tu comas pastilhas.

— Eu tambem quero. Diz Luciano, que apesar de ser mais velho, não despreza nunca uma boa pastilha, ou qualquer outra golodice. Era mesmo escusado teimares tanto para que eu aceitasse.

A mamã de *Chiquinho* vae buscar alguns dôces para repartir por ambos, em quanto elle, ufano do que aprendeu, continua a mostrar ao primo toda a sua sciencia. Tres pessoas, tres tempos, tres modos, e tudo isto no verbo, a tres e tres!

Mas Luciano é forte em grammatica, e faz-lhe a seguinte pergunta á queima roupa, engolindo apressadamente um pastel de nata:

— Comer dôces, que modo é?

O priminho fica silencioso e cabisbaixo.

— Apanhei-te, meu querido. Este ainda tu não sabias! É o *modo infinito*. Exprime a acção por si mesmo, sem dizer quem a fez, nem quando foi feita.

Ha um exemplo d'isto na bonita fabula de Lafontaine: «O banqueiro e o remendão.»

E o banqueiro se queixava  
procurando a Deus merecer,  
que o dormir pozesse á venda  
como o beber e eomer.



Dormir, comer e beber, que se empregam aqui como nomes, são *infinitos*. Tu saberás isto mais tarde, quando estudares todos os *modos* a valer.

*Chiquinho* fica sem comprehender muito bem, mesmo porque já lhe começa a grammatica a fazer confusão na cabeça, mas tem fê em que não ha de deixar de relacionar-se com o tal *modo infinito*. É questão de tempo.

### XIII

#### O PARTICÍPIO

Luciano convida o seu priminho a ouvir a explicação do *participio*.

Já acabou de comer os bollos, e está disposto a fazer de professor por mais algum tempo.

Visto elle saber bem grammatica, e principalmente os verbos, a mamã do *Chiquinho* aproveita a occasião para ir vigiar o que se passa na cosinha, e encarrega Luciano de a substituir junto do pequeno estudante.

Vem cá, meu *Chiquinho* assenta-te aqui ao pé de mim, e verás como gostas da explicação que te vou fazer:

— O *participio* é uma palavra bonita e engraçada, como tu ainda não viste outra; uma palavra que se transfôrma quasi por encanto. Julgas que é um verbo? Enganas-te; é um adjectivo. Suppões que é um adjectivo? Pois não; é um verbo. É um adjectivo encaixado no verbo; é o adjectivo do verbo, assim como o infinito é o seu substantivo.

— Mas isso é uma trapalhada muito grande e eu quero que me mostres o tal *participio*, para entender melhor.

— Vou satisfazer-te a vontade. Lembras-te da historia do principe Amado, que te contei ha dias? *Amado*, é um adjectivo, não tem que vêr; mas vae procurar o verbo *amar* de que elle se deriva, e acharás o *participio presente*: *Amando*.

— Mas porque dizes tu: o *participio presente*?

— Porque ha um outro, o *participio passado*.

Luciano quer explicar que o *participio* se chama assim porque *participa* ao mesmo tempo do verbo e do adjectivo, mas o nosso *Chiquinho* fica ainda sem perceber muito bem.

— Tu estudarás isto com vagâr, diz elle por fim. Vamos agora vêr outra cousa, outros verbos que tu ainda não conheces.



## XIV

### OS VERBOS AUXILIARES

Decididamente, Luciano tinha tomado gosto ao papel de professor.

— Queres que te ensine agora a conhecer os *verbos auxiliares*? Verás como é facil de aprender.

*Chiquinho* começa a estar um ponco enfasiado, e parece-lhe já muito verbo junto. Mas como pôde elle resistir á proposta de Luciano, que é tão seu amigo e que brinca tão bem, quando se não trata da grammatica?

— Pois sim, diz elle ligeiramente contrariado. Vamos lá a saber o que são os *auxiliares*.

— Tens ido no americano até Belem?

— Ora se tenho! E até á ponte de Algés.

— Reparaste bem n'aquella parelha de mulinhas, que esperam no Aterro e que se põem adiante das outras para as ajudarem na subida até Santos? São um *auxiliar*.

Quando se está em guerra e os amigos veem ajudar-nos a bater e derrotar os inimigos, diz-se tambem que são uns *auxiliares*.

Em summa, meu querido *Chico*, verbos auxiliares são os que ajudam a conjugar os outros, assim como as mulinhas do Aterro ajudam na subida as suas companheiras.

— A conjugar, disseste tu?

— Que espanto é esse, primo? Não te ensinaram ainda que conjugar um verbo é dizer todas as suas pessoas, tempos, numeros e modos? Fica-o então sabendo, e repara n'este exemplo: *Eu como, eu comi, eu tinha comido, eu terei comido, comer, ter comido*. Ajunta-se qualquer dos verbos *ter* ou *haver* ao particípio passado, *comido*, e obtêm-se assim todos os modos e todos os tempos.

Ha quatro *auxiliares* na lingua portugueza: *ter, haver, ser e estar*. Diz-se por exemplo: *ter visto, haver visto, ser visto, estar visto*. O verbo *auxiliar* serve de activo n'este caso.

— Aposto que tambem desconheces o que é voz activa e voz passiva?! Pois então, meu rico, não sabes nada do verbo, e é absolutamente preciso que eu te ensine isto.

Luciano está disposto a proseguir e o nosso *Chiquinho* não resiste á tentação de escutar o seu explicador. E de mais, o primo sabe:., ensina com tanto geito!...



XV

VOZ ACTIVA E VOZ PASSIVA

— Tomemos por exemplo a primeira acção que nos lembre. Já achei uma. Ainda ha pouco, quando á entrada te abracei, fui eu que fiz a acção. Podia dizer: eu abraço. Eu, era o *activo*.

Quem padeceu a acção foste tu e podias dizer: eu sou abraçado.

Eras, portanto, o *passivo*.

— Mas eu nem padeçi, nem soffri nada!

— Tontinho!... *Passivo* quer significar que supporta, que soffre, que é o alvo da acção feita por outro, assim como *activo* é quem a faz.

— Basta, basta; já entendo, não te cances mais.

— Deixa-me dar-te ainda um outro exemplo. Tenho um pau na mão e zango-me contigo. A zanga obriga-me a bater-te e tu levas. Poderás dizer ainda que não soffres?...

— Mas eu não quero que tu me batas.

— Pateta! Isto tudo é para te mostrar um exemplo do *passivo*. Não vale desconfiar com o teu priminho.

Como acabaste de vêr, ha em toda a acção um que a faz, e outro sobre quem é feita. En te abraço, tu és abraçado; eu te castigo, tu és castigado. Percebes agora?

— Sim. Mas quando eu adormeço, não ha nenhum outro que fique adormecido; e se isso que tu dizes é verdade...

— Tens razão, mas eu não fallei ainda d'esses verbos, que são os verbos *neutros* e servem para exprimir acções, que, feitas por qualquer pessoa, não se exercem sobre nenhuma outra, como: crescer, rir, chorar, e esse que tu achaste por ti mesmo: — dormir. Já vejo que nada sabes ainda dos verbos *neutros, irregulares, defectivos, pronominaes*...

N'este momento bateram á porta. *Chiquinho* que, como a maior parte dos meninos, tinha o defeito de ser curioso, apesar de que a mamã mil vezes lh'o prohibira, corren a ir vêr quem era.

A lição teve de ser interrompida então pela chegada do bom tio e padrinho do nosso estudante, que ficou devéras encantado por vêr os grandes progressos do sen querido sobrinho e afilhado.

E ainda bem que elle chegou, porque *Chiquinho* estava já muito fatigado e não podia mais.



XVI

A ANALYSE

— Que fazes assentadinho n'este canto e tão callado? Estás triste? Será verdade o que me disse Luciano quando se foi embora, que já estavas aborrecido da grammatica?

— Não, minha mamã; não estou, mas queria pedir-lhe um favor. Não me disse no outro dia que eu tinha feito uma phrase, muito linda, onde estava a grammatica inteira, e que nós veríamos todas as palavras umas após outras? Pois eu gostava mais d'isso. Não se lembra já da minha oração?

— Lembro, sim, nem era possível esquecel-a, sendo tão boa.

Vou repetir-t'a sem lhe faltar uma letra: «*Oh! Sim, minha querida mamã! Até pedi a Nosso Senhor que me fizesse muito bom todo o dia, para dar gosto á mamãsinha e ao papá.*» Seria assim?

— Tal qual.

— Os substantivos da oração, já tu os conheces. Os adjectivos, são: querida e bom. Encontras alli tambem o artigo o, e o verbo pedir.

Poucas especies de palavras te ficam para aprender e essas mesmas, has de achal-as na tua bonita oraçãosinha tambem.

Sabes tu como se chama a isto que estamos fazendo?

— Não sei, minha mamã.

— *Analyse grammatical*. Não poderás dizer que o nome é feio.

A *analyse* faz como a lavadeira quando vem trazer-nos a roupa lavada. Esta, aparta da tronxa os lençoes, os vestidinhos e as toalhas, para pôr cada cousa em separado. Aquella, toma todas as palavras de uma phrase, especie por especie, chama-as pelos seus nomes, e liga-as entre si debaixo de certas regras.

## XVII

### O ADVERBIO

— Continuemos. Pediste a Nosso Senhor que te fizesse muito bom. *Muito*. Aqui está uma especie de palavras que não tínhamos visto. É um *adverbio*, e chama-se assim, porque se ajunta ao verbo, como o adjectivo ao nome, para lhe determinar o valor.



— Conheces o jogo do malmequer, bem me quer, muito, ponco e nada?

Ora se conheço mamã, ainda hontem á tarde brinquei com a prima Magdalena, a vêr qual de nós dois era mais amigo do outro.

Bem, ahí estão quatro *adverbios*, sobre os quaes o verbo querer, no sentido de amar, é impellido de uns para outros como um volante pela raqueta. São elles que dizem quanto o verbo vale, e bem vêes que querer *muito*, ou querer *nada*, não significam a mesma cousa.

Isto faz lembrar a nossa casa do outro dia; que se transformava em casebre, em casinha ou em palacio, conforme os adjectivos que se lhe davam.

— Mas minha mamã, en pedi para ser muito bom, e bom não é um verbo!...

— Perfeitamente, men filho. Já vejo que toma sentido no que en lhe digo. Assim é que é bonito.

O *adverbio* não se põe só ao lado do verbo; colloca-se tambem junto de um adjectivo e mesmo de outro *adverbio* cujo valor elle muda então. *Mais* e *menos* são dois *adverbios*. Está claro que não é a mesma cousa estar *mais* quieto ou *menos* quieto, e ter *mais* juizo ou *menos* juizo. Comprehendes?

## XVIII

## A PREPOSIÇÃO

A mamã quer passar á *preposição*, mas já é muito. *Chiquinho* começa a perder a influencia do estudo e não pára um instante, anda aos pulos pelo quarto, esconde-se atraz do reposteiro, faz caretas diante do espelho, vae buscar uns poucos de papeis que estão sobre a meza, pede á mamã que brinque com elle, está, finalmente, sem tino nenhum, mas o pae, que entra n'esta occasião, intercede a seu favor.

*Atraz de, adiante de, sobre, de, com, sem, e a,* são *preposições*.

— Se o menino *Chiquinho* tivesse tido uma pouca de paciencia, veria tambem uma *preposição* na sua bonita phrase, a *preposição para*.

Estas palavras, que tanto medo causam aos meninos, são afinal bastante uteis, e servem para fazer vêr as relações que entre si teem as cousas.

Quando se diz: O *Chiquinho* é o filho de seu papá, esta palavrinha *de*, tão pequenina, e que parece não valer nada, mostra a relação entre o



filho e o pae, indicando que o menino pertence ao seu papá.

## XIX

## A CONJUNÇÃO

Restam-nos apenas para vêr duas simples palavras: a *conjuncção* e a *interjeição*. E já que estamos tão adiantados na grammatica, não sei o que me parece não chegar ao fim. Quer o meu filho vêr o resto?

— Pois sim, minha mamã, mas antes d'isso, quero fazer com o papásinho aquella brincadeira de ir de carruagem nos seus hombros. Ha já tanto tempo que não brincamos assim!...

O papá, que tem por costume fazer todas as vontadinhas ao menino, abaixa-se logo, mal o ouve pedir tal cousa, estende-lhe os braços, e fal-o saltar para cima dos hombros, dizendo ao mesmo tempo:

— Então a minha *conjuncçõesinha* já estava com saudades d'esta brincadeira?

— Eu não sou uma *conjuncção*, responde elle; sou o *Chiquinho*.

— É uma *conjuncção*, sim senhor, e melhor que todas as da grammatica. Vê lá o que diz a mamã.

— Tem razão o papá, tem. Lembras-te das palavras com que acaba a tua oraçãosinha? Não vês lá uma simples letra; um pequenino *e*, unindo os nomes mamãsinha e papá? Pois essa letra é uma *conjunção*, és tu, entre nós dois, meu amor.

*Chiquinho* salta para o meio da casa, e os seus bons paes abraçam-se affectuosamente, beijando cada um de seu lado as faces do pequenino aprendiz de grammatica, que, n'estas circumstancias, acha muito bonito ser uma *conjunção*.

## XX

### A INTERJEIÇÃO

— Sabes qual é a ultima palavra que se aprende na grammatica? É exactamente a primeira da tua oraçãosinha. Eu bem te dizia que estava n'ella a grammatica inteira.

Essa palavra, *Oh!* chama-se *interjeição*, ou *exclamação*, que quer dizer a mesma cousa. É uma especie de bomba que vem de tempos a tempos cair no meio das phrases. Uma vez dá mostras de alegria, como o tal *oh!* Outras de dôr, como *ai!* Outras de admiração, como *ah!*



*Chiquinho*, ouvindo isto, olha para a sua mamã com uma mistura de contentamento e de susto. Gostára de aprender o que eram *interjeições*, mas não ficou muito satisfeito de saber que ellas caíam no meio das phrases como se fossem bombas.

E depois, tinha tanto medo de foguetes e de bombas!...

Ainda no anno passado, pelo Santo Antonio, entrara uma pela janella da sala dentro, dando enormes estalos no meio da casa, e obrigando-o a ir esconder a carinha, banhada em lagrimas, nos vestidos da mamã.

Basta a lembrança d'isto para o fazer tremer e declarar que nunca mais tornará a dizer nem *ah!* nem *oh!* *Chiquinho* fica sendo um inimigo das *interjeições* até se esquecer do nome que tinha ouvido dar-lhes.

E ha de esquecer-se depressa, fiquem certos.

## XXI

### A PONTUAÇÃO

— Meu querido papá, vou pedir-lhe uma cousa. Agora, que já sei a grammatica toda e componho

orações muito bem, desejava escrever-lhe uma carta grande, de duas folhas de papel, com adjectivos e verbos bonitos, e mandal-a deitar no correio para o carteiro depois a trazer ao papá.

— Não ha nada mais simples, filho.

— Pois sim, mas é preciso que me dê uma estampilha de vinte e cinco réis para pôr no sobrescrito, ou duas, se a carta pesar mais de quinze grammas.

— Mas, meu filhinho, vejo em tudo isso uma unica difficuldade. Para escrever uma carta é necessario saber *pontuação*, e tu não a sabes ainda.

— E custa muito a aprender, papá?

— Não custa nada quando se toma bem sentido. En t'a explico em duas palavras. No fim de todas as orações põe-se um *ponto*.

Facilmente se conhece quando as orações acabam; é quando se disse n'ellas tudo quanto havia para dizer.

Se ha uma exclamação: — *Ah! Como estou contente!* — Em vez do ponto, colloca-se este signal!

Se é uma interrogação: — *Estás contente?* — Põe-se este outro, que tu aqui vês?

A *virgula*, o *ponto e virgula*; os *dois pontos*: collocam-se entre as differentes partes da oração, segundo ellas se separam mais ou menos do resto.



Não faças essa carinha de desconsolado! Socega, que pouco a pouco se te ha de ir ensinando isto, á medida que fôres lendo em voz alta.

É preciso fazer pausa quando se chega a uma *virgula*, parar um pouco mais no *ponto e virgula*, mais ainda nos *dois pontos*, e completamente no *ponto final*.

Com estas explicações, já o meu filho fica sabendo o principal da *pontuação* e me pôde escrever a tal carta muito grande.

## XXII

### CHIQUINHO PEDE UMA GRAMMATICA

Suscitou-se uma duvida na mente do nosso homemsinho. O primo Luciano dera-lhe a entender que elle ainda não sabia nada, e este «nada» fez-lhe impressão.

De facto, aquelle livro volumoso e exquisito que a mamã lhe mostrára um dia e que estava guardado no armario, devia conter muitas mais consas do que as que elle aprendêra. Mas era tão feio... impresso com letras tão miudinhas, tão miudinhas!...

Embora. A declaração de Luciano impressionára-o

devêras, e elle tinha absoluta necessidade de vêr tudo quanto o tal livro continha.

A cartonagem sâe pois mais uma vez do armario e *Chiquinho* tenta de novo lê-la, fazendo um esforço supremo.

Mas decididamente é-lhe impossivel continuar, e tem razão. As grammaticas que por ali se publicam, poderão destinar-se a toda a gente, menos ás criancinhas.

É preciso que haja quem se lembre de elaborar alguma outra em bom papel e com bom typo, cuja redacção clara e attrahente incite os pequeninos ao estudo, em vez de lhes causar somno e tedio.

O auctor de uma grammatica, ensinando á infancia todas as regras da lingua portugueza, deve esforçar-se para que a aridez do estudo seja alli amenizada por exemplos faceis e ligeiros, por definições que a intelligencia juvenil possa comprehender e digerir á primeira vista.

A não ser assim, conseguiremos apenas que os pobres anjinhos de sete e oito annos decorem, como o papagaio, dezenas e dezenas de paginas, sem d'ellas ficarem percebendo uma linha.

*Chiquinho* faz, lá de si para si, estas considerações em que nós o acompanhamos, e espera portanto que



algum escriptor, amigo das crianças, queira ponpar á sua mamã o trabalho de fazer ella mesma uma grammatica; jurando e tornando a jurar que, em quanto fôr pequenino, jámais aprenderá por Macedo, Figueiredo Vieira, ou qualquer outro que não ensine a grammatica por livrinhos bonitos.



A MÃE

A

MADAME MARIE FRANÇOIS LALLEMANT

Ha nada mais bello, que vêr debruçado  
por sobre as erianças um rosto de mãe,  
velando por ellas, com tanto cuidado,  
com ellas soffrendo e gosando tambem?!

Que amor, que ternura não devem os filhos  
á mãe carinhosa constantes votar!  
A mãe é estrella de magicos brilhos,  
archanjo que cobre co'as azas o lar.

É ella que meiga a fallar os ensina,  
seu pranto enxugando com beijos d'amor;  
que junto de um berço, com voz que fascina,  
murmura entre o canto uma prece ao Senhor.



Que santos enlevos, que amor de familia,  
que placidas fallas, que ledo sorrir!  
Que noites perdidas em longa vigilia  
do filho innocente velando o dormir!

Aquelle desvelo de tanto carinho,  
aquella sublime, divina affeição,  
ai! traçam na terra o primeiro caminho,  
que aos filhos aponta com provida mão.

Oh! Vêde, amoroso, a sorrir debruçado,  
por sobre as crianças um rosto de mãe!  
Acaso ha no mundo prazer mais sagrado?  
Não ha. Nunea o teve por certo ninguem.



## AS CRIANÇAS

AOS MEUS PEQUENINOS LEITORES

Que encantos tem o quadro da familia!  
O pae alegre o filho acarinhando,  
em quanto a esposa um outro amamentando,  
ao lado inda um terceiro vê surgir!...  
Oh! Gosos divinaes! Se n'este mundo  
nem todos vos comprehendem, todavia  
no lar é que se encerram poesia,  
ventura, aspirações, amor, porvir!

Sabeis o que ellas são, as erianeinhas?  
São élos que nos prendem á existencia;  
uns anjos de meiguice e de innocencia,  
que expandem mil fragrancias como a flor.  
São joias pequeninas, seintillantes,  
penhores d'um affecto santo e puro;  
estrellas que rebrilham no eseuo  
das trevas d'este mundo enganador.



Supponde um lar bem pobre, uma choupana  
ainda a mais humilde do universo ;  
se virdes que ella tem ao canto um berço,  
dizei: — é tudo amor e festa alli !  
Onde ha uma criança, ha luz e aromas,  
por ella a desventura até se esqueee ;  
ao vêr sorrir o filho, á mãe parece  
que o proprio Deus bondoso lhe sorri.

Direis que ha n'este mundo muito anjinho,  
que vive sem abrigo e sem ter nome ;  
crianças a morrer de frio e fome,  
soffrendo mil affrontas e baldões ;  
uns martyres gentis que nunca viram  
por sobre o berço á noite debruçada,  
a mãe a embalar-os desvelada,  
cantando-lhes de amor ternas canções.

É certo ; mas sobre esses infelizes  
desdobra a caridade um amplo manto ;  
enxuga-lhes da dôr o triste pranto,  
e diz-lhes : sois os filhos de Jesus !  
Acolhe no regaço os orphãosinhos,  
ampara a pobre infancia desvalida,  
e dando-lhe futuro, esp'rança, vida,  
ás erêches e hospícios a conduz.

## FLORES DA INFANCIA

— 127 —

Crianças tambem sois, meus amiguinhos,  
mas Deus não quiz que fosses desgraçados;  
por vossos ternos paes idolatrados  
no mundo nem sabeis o que é a dôr.  
Se virdes que a mãosinha vos estende  
na rua, qualquer dia, um pequenino,  
lembrae-vos de que soffre e que o destino  
não teve p'ra com elle igual amor.

Dae-lhe pão porque tem fome,  
sede vós a caridade;  
acolhei com amisade  
os crueis gemidos seus;  
porque os tristes desvalidos,  
tomae bem sentido n'isto,  
a imagem são do Christo,  
e tambem filhos de Deus.





## RAUL

Meu papá, hoje consigo  
á caça me vae levar.  
Como eu sou tão seu amigo,  
hei de junto a si andar.  
— És ainda uma criança,  
não tenho em ti confiança,  
não o posso consentir.  
Quando fôres homemsinho,  
n'um bonito cavallinho,  
só e livre has de sair.

«Mas papá.» — Basta menino;  
é de mais teimar assim.  
É já mesmo um desatino  
o qu'rer vir atraz de mim.  
No seu quarto, melhor fôra  
ir pegar no livro agora,

## FLORES DA INFANCIA

— 129 —

p'ra saber bem a lição.»  
Isto disse e partir ia,  
mas Raul sempre insistia  
e o papá... ralhava em vão.

Já devéras torturado  
pelas teimas pueris,  
vae chamar dentro um criado  
e em tom severo lhe diz :  
— No menino toma conta,  
a cabeça hoje tem tonta,  
vé se o prendes muito bem.  
É forçoso que assim faça ;  
e se a birra lhe não passa,  
que o castigue então a mãe.

O mau rapazinho  
chorava enraivado,  
mas sempre o criado  
p'ra cima o levou.  
Fechado no quarto  
ficára o teimoso,  
porém o maldoso  
meu Deus, que ideou !



Da cama a coberta  
atando á janella,  
agarra-se a ella,  
saltou sem temer.  
Deitou todo o corpo  
p'ra fóra, o mofoino,  
e poz-se sem tino  
veloz a descer.

O nó por desgraça,  
não fóra bem dado;  
mas elle, apressado,  
nem n'isso cuidou.  
A meio caminho  
afrouxa-se o laço;  
caiu, e um braço  
na queda quebrou.

Acodem os criados e assustada,  
a pobre mãe nos braços o segura,  
bradando-lhe a chorar com amargura:  
— Meu filho, meu amor!  
E elle, já confuso, arrependido  
lhe diz: isto mer'ei por ser teimoso,  
mas vel-a assim soffrer é mais penoso  
p'ra mim que a propria dór.

Mais tarde, já depois de bem curado,  
se acaso algum desejo formulava,  
birrento nunca era, e só bastava  
dizer-lhe: — filho, não. —  
Soubera conhecer que é feia a teima  
e vira que é fatal ser orgulhoso.  
Já fôra por maldade desditoso,  
servira-lhe a lição.

---

## EXAME DE CONSCIENCIA

---

Minha filha, vem contar-me  
que fizeste em todo o dia.  
Dize já, linda Maria  
tudo quanto te lembrar.  
— Soltei uma borboleta,  
que entre as silvas se prendera.  
Se eu não fosse, não podéra  
nunca mais d'alli voar!



Acho justo. Quando vires,  
ainda mesmo um pobre insecto,  
a soffrer afflicto, inquieto,  
corre; vóa, faz-lhe bem.  
Tudo quanto vive e sente  
tem direito á piedade;  
e, exercer a caridade,  
nunca fez mal a ninguém.

Depois, querida? — Esta tarde  
dei a minha sobremeza  
á pequenina Thereza,  
a filhinha do pastor;  
Passa o pae o dia inteiro  
pelos montes caminhando,  
e ella á porta, só, chorando,  
sem ter pão nem ter calor.

Bem fizeste, minha filha,  
dando amparo aos desgraçados;  
teem fome os malfadados  
e tu não, porque és feliz.  
Se com elles repartires  
o melhor que Deus te envia,  
só terás, boa Maria,  
sonhos bellos e gentis.

## FLORES DA INFANCIA

— 133 —

E que mais? — Pisei ha pouco  
junto ao val uma ceifeira.  
Foi sem querer, e a grosseira  
disse cousas... nem eu sei!  
Responder-lhe irada ia,  
mas á colera resisto;  
inspirou-me Jesus Christo  
minha mãe, e perdoei.

Bom remate, Mariquinhas,  
a taes obras tu pozeste!  
As lembranças que tiveste,  
enviaram-t'as os céus.  
Se amparar os desvalidos  
é virtude grande, immensa,  
perdoar qualquer offensa  
é a imitação de Deus.





## O BOM CONSELHO

### CONTO

---

Um dia, uma rainha  
seu filho aconselhava,  
e d'alma lhe dictava  
preceitos de moral,  
que o throno divinizam  
e têm dupla valia,  
se Deus é quem os cria  
n'um peito maternal.

O principe escutava  
a mãe, toda carinho,  
traçando-lhe o caminho  
que havia de trilhar.  
Depois, fitava os olhos  
na sua fronte pura,  
sorria com ternura  
e punha-se a scismar.

## FLORES DA INFANCIA

— 135 —

Ai, mãe! agora entendo,  
que a ser eu rei um dia,  
jámais aprenderia  
o que é mister saber!  
Que importa a quem governa  
ter tal cuidado e siso?  
Ao rei só é preciso  
maldade nunca ter.

Meu filho, escuta ainda:  
Ser bom não basta apenas;  
nas cousas mais pequenas  
o justo póde errar.  
Aprende cuidadoso,  
consagra amor ao estudo;  
serás primeiro em tudo  
e em tudo has de brilhar.

Assim serás piedoso,  
mais forte e justiceiro;  
dos povos padroeiro  
e interprete da lei.  
Seguindo taes preceitos,  
verás medrar teus brilhos;  
que os povos, são bons filhos,  
se fôr bom pae seu rei.



## FLORES DA INFANCIA

— 136 —

Aprende filho ; aprende  
com fervorosa instancia;  
e foge á ignorancia,  
que gera sempre o mal.  
Não trilhes outra senda,  
não pizes outra estrada,  
que pódes vêr manchada  
a purpura real.

O principe, innocente,  
beijando a mão querida  
da mãe estremecida,  
o estudo amar jurou.  
Cumprida foi a jura;  
não consta que no mundo  
houvesse assim segundo,  
nenhum igual reinou.



## HERMINIA

Herminia era bonita, mas teimosa;  
um dia foi á feira e entretida  
passou a tarde toda, divertida,  
sósinha com seu pae a passear.  
Entre outras distracções que alli havia,  
um urso engaiolado se mostrava;  
Herminia quiz ir vel-o; desejava  
o *bicho* monstruoso analysar.

O pae, que as vontades  
á filha fazia  
e nunca podia  
negar-lhe um prazer,  
responde: — pois vamos,  
mas toma cuidado,  
embora fechado,  
poderá succeder



## FLORES DA INFANCIA

— 138 —

que ao urso te chegues  
e que elle, manhoso,  
te faça raivoso  
alguma traição.

— Papá, nada tema,  
redargue a louquinha,  
a sua filhinha  
não faz isso, não.

Tal disse, mas entrando na barraca,  
largou a mão paterna e foi ligeira  
postar-se ao pé da jaula, mui lampeira,  
fitando a fera enorme, sem pavor.  
O urso, ao perceber-a, estende as patas  
d'um salto para a grade, enraivecido,  
agarra a infeliz pelo vestido,  
deixando-a quasi morta de terror.

Soccorro implora  
o pae, coitado,  
de dôr maguado  
a soluçar,  
'té que um policia  
o triste ouvindo,  
poude, acudindo,  
tudo acabar.

Co'a espada corta  
de Herminia a saia.  
Ella desmaia,  
caindo ao chão.  
Quando aos sentidos  
volve de novo,  
ouviu que o povo  
dizia então :

«As crianças, que não seguem  
os conselhos de seus paes,  
quasi sempre Deus castiga,  
como agora, ou inda mais.»

---

GABRIEL

---

Onde vaes de manhãsinha  
Gabriel, filho, onde vaes ?  
— Vêr se encontro uma conchinha  
que perdi nos areaes.



## FLORES DA INFANCIA

— 140 —

— Eil-a aqui bem guardadinha,  
vês? Agora já não saes?  
— Oh! Perdão, minha mãesinha,  
mas em busca vou de mais.

Porque não fallas verdade  
e me enganas, filho, assim?  
o embuste, a falsidade  
quasi nunca têm bom fim.  
P'ra que mentes? É maldade!  
Dize tudo... tudo, sim?  
Acho estranha essa anciedade  
de saíres só, sem mim!

— Vou ao campo buscar ninhos  
escondidos no ramal,  
e colher alguns raminhos  
das violetas que ha no val;  
vou ouvir os passarinhos  
a trinar no salgueiral;  
elles são tão bonitinhos,  
vou mamã, não faço mal.

— Inda filho, não disseste  
a verdade a tua mãe!  
Porque foi que hontem correste  
junto á fonte? Eu vi-te bem,

## FLORES DA INFANCIA

— 141 —

lá ao longe um grito d'este  
e appar'ceu depois alguém.  
Largo tempo alli estiveste  
conversando, mas com quem ?

— É forçoso então que diga  
tudo, tudo quanto fiz ?  
A uma pobre rapariga  
orações ensinar quiz,  
e a triste da mendiga  
já o Padre Nosso diz.  
A rezar, talvez consiga  
ser um dia mais feliz.

— Diz a Biblia que, em segredo  
toda a gente o bem fará ;  
e eu, por isso, mudo e quedo,  
fiz o bem, que sabe já. —  
Vae, meu filho, vae sem medo  
e a mendiga trazê cá ;  
a quem obra assim tão cedo  
Deus por certo bemdirá.





## A MENINA DAS FLORES

O que levas ahí Julieta  
no regaço tão bem escondido?  
Ih! De flores que tens no vestido!  
P'ra que foste tudo isso apanhar?  
Dentro em pouco o jardim 'stá deserto,  
se repetes tamanha loucura.  
Eu aposto que tal travessura  
a mamã não te vae perdoar.

— E porque? Se ella mesma me disse,  
ás virtudes tecendo louvores,  
que o bom Deus convertia em mil flores  
o pão dado a qualquer infeliz.  
Eu, p'ra dar, só de flores disponho;  
vou leval-as portanto á ceguinha.  
Ella, a pobre, é mesmo uma santinha  
e esta esmola por certo bemdiz.

Assentada na beira da estrada,  
todo o dia, pedindo, has de vê-la;  
e a qualquer que alli fór soccorrel-a,  
uma rosa, ou um lyrio dará.  
Quem não ha de valer á ceguinha,  
se ella em troca taes flores off'rece?  
Bem lembrado isto a mim me parece;  
tu dirás se a idéa foi má.

Tudo approvo e até te acompanho.  
Vou depressa uma jarra levar-lhe,  
senão, podem no collo murchar-lhe  
as camelias que levas ahi.  
Nossa mãe, em sabendo a verdade,  
póde ser que a lembrança bemdiga,  
e, se acaso esta acção te castiga,  
o castigo não é só p'ra ti.

Estava a mãe a conversa escutando  
quasi louca d'immensa ventura;  
inspirava-lhe assombro e ternura  
vêr dos filhos um tal proceder.  
Enlevada no grupo formoso,  
a fallar nem sequer se atrevia;  
e o pranto, que alegre vertia,  
era um pranto d'amor e prazer.



## VISITAR OS ENFERMOS

Mamã, onde é que vae assim vestida de pretó, com vestido tão singelo? Não tinha no seu quarto outro mais bello, aquelle de setim, que é bem melhor? — Meu filho, ao hospital apenas vamos levar consolo aos pobres que padecem. Já vês que é proprio o traje; não carecem taes actos d'essas pompas, meu amor.

O que é um hospital? É santo asylo que ás dôres da desgraça allivio offerta; mansão de caridade, sempre aberta a quem, gemendo afflicto, a vae buscar. Meu filho, vamos pois sem vãos adornos os tristes visitar á enfermaria; precisam, coitadinhos, d'alegria, e nós temos bastante p'ra lhes dar.

## FLORES DA INFANCIA

— 145 —

As galas e os enfeites são ás vezes  
brilhantes apparencias e mais nada;  
sob essas pompas vãs dissimulada  
existe em peitos mil a corrupção.  
Por isso hoje de mim bani as sêdas,  
que o mundo de vaidades tanto adora;  
dos pobres quero ser irmã agora,  
e tu tambem vaes d'elles ser irmão.

Não fujas dos enfermos que é peccado,  
consola a indigencia com bondade,  
abriga sempre n'alma a caridade,  
que é filha predilecta de Jesus.  
As glorias d'este mundo pouco valem;  
escuta bem attento o que te digo:  
não negues a quem soffre a mão d'amigo,  
ajuda-lhe a levar a sua cruz.





## O MENINO ROUBADO

Eu quero contar-lhes um conto, meus filhos,  
um conto singelo, não muito comprido.  
O caso é sómente um menino perdido,  
que um *mal encarado* na rua encontrou.  
Teimoso devéras, não qu'ria que nunca  
seu pae, pelas ruas, a mão lhe tomasse;  
talvez que ser *homem* o louco pensasse,  
mas caro o orgulho, meu Deus, lhe eustou.

Já quasi á noitinha saíra, e nas ruas,  
lá muito distante do pae eaminhava;  
de tempos a tempos a cara voltava,  
até que n'um sitio de vista o perdeu.  
Volvendo-se afflieto, procura com medo,  
tremendo coitado, já quasi chorando,  
e outro eaminho ao acaso tomando,  
por uma travessa, sem tino correu!

Um homem que passa, na capa embrulhado,  
lhe diz: porque chora? Não sabe o caminho?  
A casa o conduzo, se fôr ealadinho;  
e assim o menino enganar conseguiu.  
Veloz arrastando-o com gestos grosseiros  
p'ra o escuro casebre que ao longe habitava,  
roubou os fatinhos que o triste levava,  
deixou-o sósinho chorando, e fugiu.

Dois dias Adolpho, sem pão e sem agua,  
n'aquella espelunca jazeu escondido,  
até que afinal foi a casa trazido  
por uma visinha, que ouvindo-o gritar,  
p'las frestas da porta com custo espreitando,  
a pobre criança viu nua e chorosa  
e então, compassiva, correu pressurosa,  
chamando a policia p'rá vir libertar.

Que tal? Pois aprendam a ir socegados  
ao lado d'aquelles que á rua os conduzem.  
Aqui meus conselhos tão só se reduzem  
a nunca sósinhos sem tino correr.  
Em quanto pequenos carecem de amparo,  
não larguem, meus filhos, a mão protectora:  
se assim o fizerem, terão como agora,  
bem estar e socego, ventura e prazer.



## A CASA ESCURA

### VENDO UM MENINO DE CASTIGO

Meninos, vêde como o triste chora  
e a cabecinha meio tonta ampara.  
A travessura custou-lhe hoje cara,  
lá 'stá fechado em tenebroso vão.  
A luz do sol que n'este instante brilha  
não pôde vél-a o desditoso Alfredo;  
só densas sombras, que lhe causam medo,  
o acompanham na cruel prisão.

Mas que fez elle para assim estar preso?  
Direis por certo com assombro ao vel-o;  
pois ides todos já de mim sabel-o:  
fugiu da escola onde aprendia a lér.  
Não tinha ainda comprehendido o louco  
as mil vantagens que nos traz o estudo,  
e preferia ardentemente a tudo  
nos campos livre sem cessar, correr.

## FLORES DA INFANCIA

— 149 —

A mãe debalde lhe dizia: filho,  
da escola nasce o teu bem estar futuro!  
Elle escutava a desenhar no muro  
mil arabescos e fugia a rir.  
Diversas vezes fez *gazeta*, o doido,  
p'ra ir brincar pelas campinas fóra;  
mas tendo-se esta descoberto agora,  
severos ralhos foi forçoso ouvir.

Se fóra humilde, se perdões pedisse,  
a mãe talvez que desculpado honvera;  
mas elle achou que nada mau fizera,  
não quiz, altivo, supplicar perdão.  
Por tal soberba foi mister impor-lhe  
aquella pena tão severa e dura;  
lá está fechado n'uma casa escura,  
sósinho e triste a soluçar em vão.

Fatal eegueira! Quão melhor lhe fóra  
gosar alegre a clara luz do dia!  
Na escola apenas breves horas lia,  
e tinha tempo p'ra depois folgar.  
Livrae-vos sempre de seguir, meus filhos,  
na vossa infancia tão funesto exemplo;  
amae a escola, como se ama o templo,  
e á casa escura não ireis parar.



## A ORAÇÃO

---

Padre nosso que estás escutando  
lá no céu esta prece innocente,  
ouve o brado sincero e fervente  
que bemdiz o teu nome, oh, meu Deus!  
Venha a nós o teu reino invisível  
onde existe a divina verdade;  
tua santa e eterna vontade  
seja feita na terra e nos céus!

O pão nosso, que á vida é preciso  
cada dia, nos dá tambem hoje  
e perdoa ao culpado que foge  
a cumprir seu exacto dever.  
Assim como tambem perdoamos  
os aggravos a nós dirigidos,  
prestarás teus paternos ouvidos  
dos humanos ao duro soffrer.

## FLORES DA INFANCIA

— 151 —

Pobres almas na terra exiladas  
e que ás cegas na vida luctamos,  
só em ti, oh, senhor, confiamos  
nos concedas a luz divinal.  
Não nos deixes cair nos abysmos  
que este mundo de enganos offrece;  
e eseutando esta timida prece,  
para sempre nos livra do mal.







Izabel ou a Cruz de Ouro.....	Pag.	1
A caixinha de papelão côr de rosa.....	»	23
As amendoas da madrinha.....	»	35
Leonardo ou a caridade com os animaes.....	»	45
A morgadinha.....	»	71
A grammatica do <i>Chiquinho</i> .....	»	89
A mãe.....	»	123
As erianças.....	»	125
Raul.....	»	128
Exame de consciencia.....	»	131
O bom conselho.....	»	134
Herminia.....	»	137
Gabriel.....	»	139
A menina das flores.....	»	142
Visitar os enfermos.....	»	144
O menino roubado.....	»	146
A casa escura.....	»	148
A oração.....	»	150







**LIVRARIA DE MADAME MARIE FRANÇOIS LALLEMANT**

Lisboa, 22, Rua do Thesouro Velho, Lisboa

## **BIBLIOTHECA ROSA ILLUSTRADA**

Obras ornadas com as mais interessantes gravuras

PROPRIAS PARA OFFERECER COMO PRESENTE,  
OU PARA SE DISTRIBUIREM COMO PREMIOS NOS COLLEGIOS

Era notoria a falta de livros que, escriptos em fôrma de romance, satisfizessem as duas condições de despertar o gosto pela leitura e de instruirem e propagarem doutrinas comprovativas dos beneficios resultantes do trabalho, da perseverança nas nobres empresas, do respeito á disciplina, do amor de Deus, da familia e da patria. Entenderam os editores que outros livros não poderiam satisfazer mais cabalmente estas condições que os da BIBLIOTHECA ROSA ILLUSTRADA, sendo ornados todos estes volumes de primorosas gravuras, e recommendaveis sobretudo aos chefes de familia, porque, em vez de ficções, que só podem deleitar por momentos espiritos frivolos, contêm verdadeiros principios de moral que deleitam e instruem.

*As obras que até hoje tem sido publicadas são as seguintes :*

### **QUE AMOR DE CRIANÇA!**

PELA CONDESSA DE SÉGUR

### **A CASA DO SALTIMBANCO**

POR MADAME DE STOLTZ

### **INFANCIAS CELEBRES**

POR MADAME LOUISE COLET

Traduzida pelo distincto escriptor M. PINHEIRO CHAGAS

### **OS DESASTRES DE SOPHIA**

PELA CONDESSA DE SÉGUR

### **AS MENINAS EXEMPLARES**

CONTINUAÇÃO DOS DESASTRES DE SOPHIA

PELA CONDESSA DE SÉGUR

#### **PREÇO DE CADA VOLUME**

Um lindo volume brochado.....	600 réis
Um magnifico volume encadernado em percalina côr de rosa e dourado por folha.....	800 „



OBRAS JÁ PUBLICADAS

POR

MARIA RITA CHAPPE CADET

## VERSOS

Um volume. (1870) preço 800 réis.

## SORRISOS E LAGRIMAS

Um volume. (1875) preço 800 réis.

A VENDA: Livraria de Madame  
Marie François Lallemand, rua do  
Thesouro Velho, 22, Lisboa.

B.

7